

ARAGUAIA
EXCLUSIVO

Guerra na selva mata 4 jagunços



Em uma semana 4 combates na Fazenda Tupã-Ciretã resultaram na morte de 4 pistoleiros do Banco Comind e 10 feridos. Os posseiros estão fartos da traição do governo e defendem suas glebas de armas na mão. A polícia como sempre protege os grileiros contra os camponeses. Novamente a incapacidade do regime militar provoca conflito e morte na região do Araguaia, onde cada vez mais configura-se uma verdadeira guerra. Página 8.

Congresso veta casuísmos do governo

Página 3

Editorial

Derrota dos pacotes reforça luta popular

Por duas vezes consecutivas, em menos de uma semana, o governo foi derrotado no Congresso Nacional. Para os generais, acostumados a dar ordens e serem imediatamente obedecidos, foi uma surpresa. Nestes 17 anos eles mantiveram o Congresso como uma peça decorativa, destinada a dar uma fachada democrática ao regime militar.

Através de pressões, corrupção e inúmeros artifícios, o parlamento perdeu a sua independência e viu-se condenado a aprovar tudo o que era ditado pelo poder executivo. Nas vezes em que este esquema falhou, o Congresso foi simplesmente fechado, em 13 de dezembro de 1968, com o Ato-5 e em 1977 com o Pacote de Abril.

* Mas o monopólio do poder pelos generais tem sido uma fonte permanente de atritos, de crise políticas e crises de governo. Sempre encontrou resistência do povo e tem sido contestado até por setores importantes das classes dominantes.

O impasse político afeta o regime em todos os terrenos. Dentro do próprio PDS cresce a tendência à desagregação. E como não poderia deixar de ser, o descontentamento abala o domínio do governo sobre o Congresso Nacional. Já na eleição do presidente da Câmara dos Deputados, o governo teve que usar as manobras mais sujas para impor seu candidato, Nelson Marchesan. Esta situação cria novas reservas para a classe operária e as forças populares. As derrotas do regime no parlamento aprofundam o fosso entre os generais e a imensa maioria dos brasileiros.

* Se forem firmes, se souberem formular denúncias vivas das injustiças e ao mesmo tempo adotarem uma política ampla, os parlamentares mais comprometidos com os trabalhadores darão aos seus mandatos uma dimensão nova e mais vasta. Mesmo nas condições desfavoráveis do Congresso, eles contribuirão para canalizar todas as manifestações de insatisfação contra o regime militar e para impulsionar a luta democrática e popular.

* Por outro lado, não tem razão de ser a euforia de certas correntes diante das vitórias da oposição. Eles julgam que basta ir ampliando estes êxitos para conquistar a democracia. Mesmo nas mais democráticas repúblicas burguesas, o parlamento é uma instituição da burguesia, para resolver suas próprias diferenças. No Brasil de hoje, é menos ainda que isto.

Já há muito tempo Lênin mostrou que os que colocam a sua atividade política na dependência do parlamento caem no que ele chamou de cretinismo parlamentar — condenam-se ao reformismo e à colaboração de classes. A conquista da democracia depende fundamentalmente da união e da luta de amplas massas. Em função disto deve-se atuar no parlamento.

* As greves operárias, os conflitos no campo, as invasões de terrenos, os quebra-quebra de ônibus, a realização da Conclat com mais de 5 mil delegados, a firme união dos partidos de oposição, criaram as condições para as vitórias no Congresso e aprofundaram a divisão no PDS. Estas vitórias encerram lições tanto para os parlamentares que souberam usar o seu mandato como para os conciliadores que vivem temendo o confronto.

A derrota das sublegendas levou à falência alguns planos do governo. E melhorou as condições para a luta eleitoral das oposições. Se estas forças democráticas mantiverem a unidade conquistada nesta luta, poderão derrotar os novos casuísmos, que certamente serão criados pelos manobristas do Palácio do Planalto e do PDS. E poderão participar das eleições com candidatos combativos e unitários.

A queda dos artigos 1 e 2 do pacote da Previdência Social impediu maiores sacrifícios que seriam jogados sobre o povo. Mas por outro lado, a delegação de poderes ao Executivo para definir os produtos supérfluos sobre os quais incidirão tributos extras para a Previdência, revelou ainda dificuldade de atuar de forma independente. A ilusão com os poderosos é sempre terreno fértil para a conciliação.

PTA: 40 anos de luta pelo socialismo na Albânia

Página 5

Tentam calar sindicalista de São Paulo seqüestrando sua esposa.

Página 6 e 7



Foto premiada no Conclat Vladimir Herzog.

Fotos da Tribuna são premiadas



Secretário do prefeito (sentado à esquerda) ouve com má vontade o MCC.

S. Paulo se organiza para barrar aumento do ônibus

Leia na página 8

Um operário vende o rim e o olho. Outro tenta o suicídio!

Rubens tomou soda cáustica e José Neto anunciou venda de rins. É o desespero dos desempregados.

Página 4



Militares envolvidos com o jogo do bicho no Rio

O Rio de Janeiro é um exemplo vivo da corrupção que se alastrou no país durante os 17 anos do regime militar. Um general, secretário de Segurança Pública pede pelo amor de Deus a legalização do jogo do bicho. Um ex-capitão do exército, chefe de uma grande quadrilha de bicheiros, diz que pode gastar milhões com propina à polícia. Um juiz de direito chora a morte de um marginal e cita-o como exemplo de "herói". Realmente, os bandidos estão no poder!

A história da contravenção no Rio de Janeiro é antiga, mas agora as coisas se espalharam. Estão envolvidos desde oficiais do exército, da PM e policiais civis, passando por juizes, deputados, artistas, etc. Com o golpe militar de 64 e particularmente depois da decretação do AI-5, em 1968 os militares se aproveitaram para participar de uma fatia dos milhões que corriam no jogo do bicho e tráfico de drogas.

Nesta época formou-se no Rio uma quadrilha composta de militares da ativa dentro da Polícia do Exército, incluindo aí também alguns policiais civis. O chefe desta quadrilha era o capitão do DOI-CODI, Aylton Guimarães, hoje chefe de uma das maiores quadrilhas do jogo do bicho em Niterói. A coisa hoje chegou a tal ponto que quando os bicheiros ameaçaram decretar uma "greve geral" em protesto contra a repressão ao jogo do bicho, o secretário da segurança do

Rio, General Valdir Muniz tachou esta atitude de "impatriótica".

Calcula-se que dos 450 milhões de cruzeiros mensais que se movimentam no jogo do bicho no Estado do Rio, mais de 100 milhões são destinados ao suborno. Só para os homens do gabinete do Secretário de Segurança Pública são destinados 10 milhões todo mês, conforme denunciou o promotor público Eckel de Souza. O professor Nilo Batista, conselheiro da OAB considerou esta Secretaria a "mais corrupta do planeta".

QUEREM LEGALIZAR O BICHO

O ex-capitão Aylton Guimarães revelou que se o jogo do bicho fosse legalizado, os bicheiros poderiam manter os Cr\$ 50 milhões de propina que dão à polícia todo o mês. "Acho até que poderíamos dar uns Cr\$ 70 milhões, e digo mais, com reajustes semestrais". No mesmo mês o ex-delegado de polícia e atual deputado federal, Péricles Gonçalves, levava ao Congresso Nacional um projeto de lei propondo a legalização do jogo do bicho.

E fatos semelhantes ocorrem com o tráfico de drogas. O médico Osmany Ramos foi preso recentemente quando conduzia 30 quilos de cocaína. Mas, inexplicavelmente conseguiu fugir da Polícia Federal. A juíza Martha Vasconcelos, da 24ª Vara Criminal do Rio denunciou que os grandes contraventores gozam de prestígio de certas autoridades. E citou o exemplo de um deles que chegou a ser assessor de um ministro da Justiça.

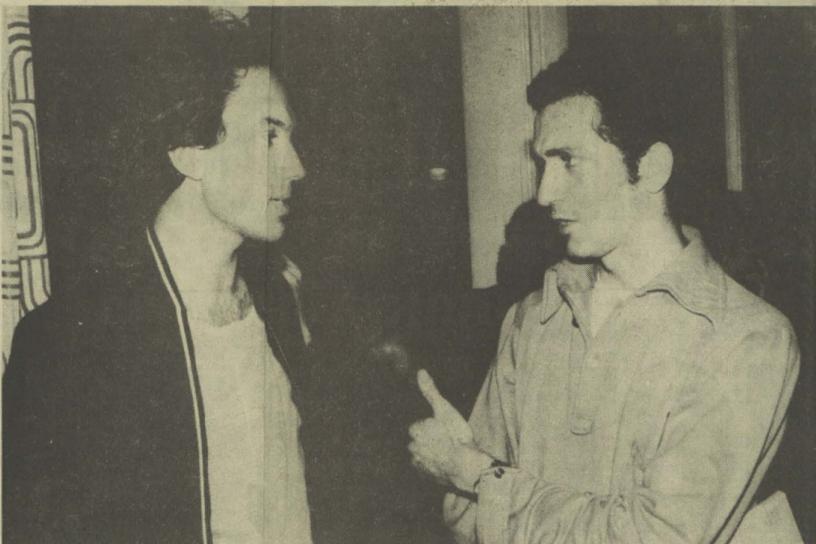


Foto: L. Carlos Leite
Javier (à esquerda) discute as propostas do congresso com Aldo Rebelo.

UNE leva proposta de luta ao 33º Congresso

Em 1981 houve uma piora geral no nível de ensino e aumentou a evasão escolar. Cerca de 10% dos universitários do país tiveram que abandonar as escolas. O Ministério da Educação e Cultura (MEC) não liberou mais verbas para as escolas públicas, nem subsídios para as particulares. Ao contrário disso, tentou liberar os aumentos das mensalidades nas escolas particulares e quis implantar o projeto de privatização das universidades federais. Essas duas pretensões do governo, que agravaram a crise do ensino, foram derrotadas pelos estudantes e pela comunidade universitária.

Neste ano, cresceu a consciência dos estudantes da necessidade da generalização das suas lutas. A greve de dois dias no primeiro semestre; o Dia Nacional de Luta nas federais, que denunciou o projeto das fundações; as greves em treze universidades e em outras escolas isoladas, envolvendo cerca de 100 mil estu-

dantes, trouxeram significativas vitórias.

A UNE se tornou mais reconhecida por toda a sociedade brasileira, através das lutas e contatos realizados junto a entidades como a ABI, OAB, Contag e Comissão Pró-CUT. Em 1981 melhoramos a unidade com professores, funcionários e secundaristas através de ações conjuntas. A UNE ampliou sua atuação através da realização de três seminários de Cultura, do Concurso Literário e do relançamento da revista Movimento. Só o governo teima em não reconhecer a UNE.

BANDEIRAS DE 82

Para o próximo ano, além da reivindicação ligada ao ensino, a UNE destaca como da maior importância a luta pelas eleições de 82, com o máximo de liberdade. Estas eleições fazem parte da luta contra o regime militar e o seu partido, o PDS. Os estudantes defenderão as candidaturas de autênticos opositores para derrotar o governo.

Devemos organizar circuitos culturais e atividades esportivas; campanha de solidariedade aos povos do Cone Sul e de El Salvador; campanha pelo desarmamento e paz mundial, com respeito à soberania nacional dos povos. Em 1982 precisamos dotar nossa entidade de uma sede na cidade de São Paulo. Estamos confiantes nas resoluções a serem tiradas no XXXIII Congresso em Cabo Frio e Araruama, no Estado do Rio. Propomos que todos os estudantes que defendem a unidade do nosso movimento, que trabalham pelo fortalecimento de nossa entidade e que lutam ao lado do povo por liberdades no nosso país, aglutinem-se em torno de uma chapa para a próxima diretoria. E que derrotem toda tentativa de conciliação com a situação de crise em que se encontra a Universidade e o país como um todo.

Francisco Javier Alfaya
(Secretário de Cultura da UNE)

DE NORTE A SUL

Aluno baiano vende tijolos pra manter escola em Buritama

Os 12 mil moradores de Buritama - distrito do município de Barra, na Bahia - vivem no mais completo abandono. 668 casas não têm sequer luz elétrica. O médico aparece uma vez por semana e atende só 50 pessoas das mais de 100 que se acotovelam na fila. Em caso de urgência é necessário o doente fretar um carro para chegar a Barra, gastando nunca menos que oito mil cruzeiros. Só existem quatro salas de aula no distrito. E a única verba que o MEC enviou para educação neste ano foi de Cr\$ 50 mil sendo que o conserto da escola exige Cr\$ 250 mil. Para evitar o fechamento dos cursos os alunos fazem tijolos para vender e com este dinheiro vão mantendo a escola. Diante deste triste quadro, os habitantes de Buritama, através do Conselho Comunitário e do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Barra, tem realizado inúmeros protestos e elaboram um abaixo-assinado exigindo melhorias.

(Da sucursal)



Carlos Henrique, candidato à deputado

PMDB lança candidaturas populares no Rio de Janeiro

No dia 24 do mês passado, com o auditório da APPD lotado, foram lançadas as candidaturas de Walter Silva (reeleição) para deputado federal, Carlos Henrique Miranda para deputado estadual, e Arlindor Pedro de Souza para vereador. Todos pelo PMDB do Rio de Janeiro. Carlos Henrique indicou a necessidade de uma articulação maior entre os candidatos populares dentro do próprio PMDB, para impulsionar o combate por liberdade. Os três candidatos ressaltaram a importância de vincular estreitamente a luta no parlamento com o movimento de massas, fazendo com que os mandatos sejam colocados a serviço dos interesses do povo.

(Da sucursal)

Moradores de Marília prometem destruir rodovia em protesto

A morte da garota Roseli Pereira, atropelada na rodovia Marília-Porto Ferreira no dia nove de outubro, desencadeou uma forte onda de protesto no município paulista de Marília. No dia 10 cerca de 200 populares foram à casa do prefeito Theobaldo Lyrio exigir a construção de uma passarela. No dia 12 mais de 300 moradores foram à Câmara Municipal com o mesmo objetivo. Como afirmou a mãe da acidentada, dona Terezinha, as autoridades não tomam providências "porque nós somos pobres e nossas crianças não valem nada". Se nos próximos 30 dias não for resolvido o problema, os moradores prometem destruir o trecho da rodovia.

(Do correspondente)

PMDB do Espírito Santo cria seu Movimento Trabalhista

Com uma palestra do deputado federal Aurélio Peres foi organizado no dia 29 de outubro o Movimento Trabalhista do PMDB do Espírito Santo. Mais de 400 trabalhadores e líderes sindicais participaram do ato na Assembléia Legislativa de Vitória. O líder bancário João Amorim Coutinho e a professora Mirtes Bevilacqua formam a direção do Movimento, que também tem a participação do deputado estadual Nelson Aguiar e o líder da Tendência Popular no Estado, Carlos Alberto Osório. Esteve presente à manifestação o veterano líder operário José Duarte.

(Da sucursal)

Centro de Estudos de Alagoas completa um ano de trabalho

O Centro de Estudos e Investigação Social de Alagoas (CEIS) completou, em outubro, um ano de existência com importantes trabalhos prestados ao estado. Seus objetivos são: pesquisar a realidade social, principalmente a local; prestar assessoramento às entidades classistas; e difundir as idéias científicas e progressistas no Estado. Para isso o CEIS promoveu cursos, como o de Economia Política; elaborou o índice do custo da ração mínima; e editou quatro números do boletim "Carta do CEIS", que é distribuído para 80 sindicatos rurais e urbanos.

(Da sucursal)

Imobiliária paulista tenta enganar moradores do Burgo

Mais uma espelunca foi descoberta pelos trabalhadores: é a Imobiliária Comercial Brasil Rural. Ela vende irregularmente terrenos no bairro paulista de Burgo Paulista. Um mesmo lote é vendido para duas ou três pessoas; e a maioria dos terrenos não tem registro de imóvel. Só que os moradores da área descobriram a enganância da imobiliária e deixaram de atuar individualmente. No dia 29 de outubro todos se dirigiram à imobiliária carregando faixas e cartazes. Os donos da espelunca, André Alves e Elza Paulina Paux, se recusaram a atendê-los, temendo a revolta popular.

150 pessoas inauguram sede do PMDB em Jacupiranga

O PMDB de Jacupiranga, no interior de São Paulo, inaugurou no dia 17 de outubro a sede do seu Diretório Municipal. Estiveram presentes 150 populares e o vereador Benedito Cintra. A sede será o ponto de encontro para a organização das eleições de 1982 e o local de discussão dos problemas locais e nacionais.

(Do correspondente)

Fotógrafo da Tribuna recebe prêmio Vladimir Herzog

O fotógrafo da Tribuna Operária Luis Carlos Leite recebeu dia 26, no Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, o Prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos, pela série de fotos sobre as ocupações de terrenos. Foram premiadas também matérias divulgadas nos jornais Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, Jornal da Tarde, Movimento e Resistência, na revista Isto É, nas redes de televisão Bandeirantes e Globo, e na O Prêmio foi instituído há três anos, em homenagem ao jornalista Vladimir Herzog, trucidado em 1975 pelo DOI-CODI do II Exército. Seu objetivo é salientar as melhores obras jornalísticas de defesa dos direitos humanos.



Foto: Luis Corujá
Luis Carlos Leite discursa ao receber o prêmio



Policiais assassinos causam revolta na cidade de Crateús

No dia 13 de outubro, às onze e meia da noite, a cidade de Crateús foi abalada por um monstruoso crime. O jovem Antônio Gomes de Souza foi fuzilado à queima-roupa pelo policial sargento Cícero Moreira. A cena aconteceu no bar do Sr. Oswaldo, onde o sargento e o torturador Idalino estavam bebendo. De repente começou uma briga entre dois rapazes e Antônio Gomes foi apartar. Os policiais que estavam à paisana deram ordem de prisão para os três. Antônio argumentou que não havia razão para ser preso pois estava tentando acalmar os companheiros. O sargento

Moreira sacou a arma e deu um tiro no chão, nos pés de Antônio, que saiu correndo apavorado. O sargento correu atrás de Antônio Gomes, desfechou vários tiros e o jovem caiu fulminado.

A população de Crateús vive ameaçada pelas arbitrariedades policiais. O guarda Idalino é inclusive acusado de ter amarrado os testículos de Cícero Rodrigues Sampaio num interrogatório na polícia. A população está exigindo a expulsão e punição dos policiais criminosos.

(Do correspondente)

Feira de Santana inaugura sede da Tribuna Operária

Com a presença do deputado estadual Luciano Ribeiro, do prefeito da cidade, Colbert Martins, foi inaugurada em Feira de Santana a sucursal da Tribuna Operária. A inauguração fez parte da comemoração do segundo aniversário do jornal, e consistiu de palestras de Jane Vasconcelos, da coordenação do Movimento Contra a Carestia na Bahia, e Arthur de Paula, chefe da sucursal de Salvador.

Para seu Arnaldo, figura popular e combativa de Feira de Santana, "A Tribuna Operária é o único jornal que se dedica de fato a defender os trabalhadores e o povo". Laurentino, outro trabalhador popular, destacou a necessidade de "se promover a união e organização do povo para dar respostas concretas os



Jane Vasconcelos (de pé) na inauguração da sucursal da TO

militares". O presidente do PMDB local e candidato a prefeito, Osvaldo Brasileiro, disse que "a Tribuna é uma trincheira de luta contra o governo de fome e miséria que atormenta o povo".

Também estiveram presentes à inauguração represen-

tantes do PT e de várias entidades de moradores e trabalhadores da cidade. Messias Gonzaga falou, em nome da nova sucursal, que "ainda estamos numa sala pequena, mas nela caberão todos os operários do mundo". (Da Sucursal).

Princípios

Revista teórica, política e de informação Junho 81 Cr\$ 10,00

A Social Democracia, Instrumento do Capitalismo

Assinatura: 4 números Cr\$ 600,00

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Cidade: _____

Estado: _____ CEP: _____ Fone: _____

Estou enviando o cheque nº _____ no valor de Cr\$ _____ em nome da Editora Anita Garibaldi, rua Beneficência Portuguesa, 44 - sala 206 São Paulo, SP - CEP 01033.

Tribuna Operária

Jornalista responsável: Pedro Oliveira

Conselho de Direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Olivia Rangel, Dilair Aguiar.

Redação: Rua Conselheiro Ramalho, 501 - Bela Vista - São Paulo, Capital, Tel.: 36-7531 CEP 01325.

Sucursais:
Amazonas: Rua Simon Bolívar, 231-A Pça. da Saudade - Caixa Postal 1439 Manaus - CEP 69000. **Pará:** Rua Aristides Lobo, 620 - Centro - Belém - CEP 66000.
Maranhão: Rua Osvaldo Cruz, 340 - sala 404 - São Luiz - CEP 65000. **Piauí:** Rua David Caldas, 374 - sala 603 - Sul - Teresina - CEP 64000. **Ceará:** Rua do Boqueirão, 313 - sala 206 - Fortaleza - CEP 70000. **Paraíba:** Av. D. Pedro I, 1012 - João Pessoa - CEP 58000. **Pernambuco:** Rua 7 de Setembro, 42 - 7º andar - sala 707 Boa Vista - Recife - CEP 50000. **Alagoas:** Rua Fernandes dos Barros, 43 - sala 05 Centro - Maceió - CEP 57000. **Bahia:** Rua Senador Ruy Barbosa, 815 - Centro - Salvador - CEP 40000. **Av. Getúlio Vargas, 260 - sala 111 - Feira de Santana - CEP 44100. Minas Gerais:** Rua da Bahia, 573 sala 304 - Centro - Belo Horizonte - Tel. 224-7805 - CEP 30000. **Rua do Gontoro Rodoviária, 313 - Contagem - CEP 32000. Goiás:** Rua Goiás, 826 - edifício Minasbank - sala 2005 - Tel. 225-8689 - Goiânia - CEP 74000. **Distrito Federal:** Esplanada - sala 322 - Setor Comercial Sul - Brasília - CEP 70317. **Espírito Santo:** Av. Getúlio Vargas, 247 - sala 705 - Vitória - CEP 29000. **Rio de Janeiro:** Rua da Lapa, 200 - sala 1111 - Lapa - Rio de Janeiro - CEP 20021. **Av. Amarel Peixoto, 370 - sala 807 - Centro - Niterói - CEP 24000. São Paulo:** Rua Marechal Dadoado, 946 - Centro - Campinas - CEP 13100. Praça Ennes da Silveira Melo, 1378 - Piracicaba - CEP 13400. **Paraná:** Rua Barão do Rio Branco, 41 - sala 809-A Curitiba - CEP 80000. **Rua Sergipe, 891 salas 7 e 8 - Londrina - CEP 85100. Rio Grande do Sul:** Rua General Câmara, 52 sala 29 - Centro - Porto Alegre - CEP 90000. **Rua D. Montauray, 658 - 2º andar sala 15 - Caxias do Sul - CEP 95100. Sergipe:** Rua União Progressista, 299 sala 26 - Aracaju - CEP 49000.

A Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. impressa na Cia. Editora J. J. J. Rua Casabianca, Cunha, 49 - Fone: 531-8900 - São Paulo.

Desejo receber em casa os 25 próximos números da Tribuna Operária. Para isto envio anexo um cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda., correspondente a uma

Assinatura de apoio (Cr\$ 1.500,00)

Assinatura standart (Cr\$ 750,00)

Assinatura parcelada (2 x Cr\$ 375,00)

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Estado: _____

CEP: _____ Fone: _____ Data: _____

Profissão: _____

Patrões e governo lançam novo ataque aos salários

A lei salarial do governo Figueiredo completa dois anos, e mais uma vez os patrões querem mudá-la, para pior. Querem retirar os 10% a mais que ela oferece aos que ganham salários mais baixos. Dizem que ela causa inflação.

A mudança na política salarial foi uma conquista dos movimentos grevistas de 1978 e 1979. As paralisações de mais de quatro milhões de trabalhadores forçaram mudanças no velho arrocho salarial.

Os reajustes salariais passaram a ser semestrais, aliviando um pouco a situação do trabalhador. Para os que ganham até três salários mínimos foi estabelecido um reajuste do INPC mais 10%, afora a produtividade, a ser negociada com os patrões. As outras faixas teriam reajustes menores. Foi uma forma dos patrões tirarem dos operários especializados e técnicos para transferir para as faixas mais baixas, sem mexer nos seus lucros.

Agora os patrões e os ministros da área econômica estão travando uma batalha para piorar ainda mais a lei e retirar as vantagens que ela dá para as faixas mais baixas. Apresentam páginas e páginas de estudos para provar

que a lei está causando inflação. Mas é mentira.

Se estudarmos o período de 2 anos antes da lei de 1979 veremos que a média dos salários cresceu 30% acima do custo de vida. Já nos dois anos seguintes a média dos salários ficou 25% abaixo do custo de vida.

Não é atoa que os trabalhadores, reunidos na Conclat, reivindicam mudanças na lei salarial. Eles exigem: reajustes trimestrais, estabilidade no emprego para impedir a rotatividade, aumento de salários acima do custo de vida e salário mínimo real e unificado em todo país.

A lei salarial de 1979 representa uma continuação do arrocho salarial com formas novas. A lei anterior que durou 15 anos causou uma queda violenta no poder aquisitivo dos trabalhadores. O salário mínimo por exemplo

perdeu mais da metade do seu valor real. No entanto, com o rápido crescimento da indústria houve uma procura muito grande de técnicos e operários especializados, que conquistaram aumentos acima do custo de vida.

CONTINUA O ARROCHO

Com a atual lei nenhuma parcela dos trabalhadores teve aumentos reais. Os salários mais altos são arrojados pela lei e os mais baixos pelo truque sujo da rotatividade, enquanto os patrões aumentaram muito seus lucros.

Agora os patrões se aproveitam da crise econômica e querem piorar o arrocho. Usam para isso todo seu poder junto aos ministros e meios de comunicação. Fazem chantagem com os 10 milhões de desempregados e subempregados.

Mas a consequência desse arrocho só pode ser um novo surto das lutas operárias. E muito mais poderoso do que em 1978-1979. O arrocho e o desemprego atingem todos os trabalhadores. É o conjunto dos salários que é reajustado abaixo do custo de vida.

Novo salário mínimo tira Cr\$ 735 dos trabalhadores

O governo reajustou em 40,9% o maior salário mínimo do Brasil, que passa para Cr\$ 11.927,00 em novembro. E mais uma vez não cumpriu a lei que ele mesmo criou. Se fosse aplicado o reajuste do INPC mais 10%, o salário teria ido para Cr\$ 12.662,00. Um roubo de 735 cruzeiros!

Mas não é a primeira vez que o regime militar viola as leis que ele mesmo faz. O próprio salário mínimo, por lei, deveria satisfazer as necessidades do trabalhador e de sua família. É o que diz o decreto de 1938 e a própria Constituição que os militares outorgaram.

O DIEESE — Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos — faz um cálculo mensal para saber qual deveria ser o salário mínimo real.

Em maio o cálculo deu Cr\$ 31.500,00. E o governo só dá Cr\$ 11.927,00!

Quem vive de salário mínimo está na miséria. Segundo o DIEESE, em setembro de 1981 um trabalhador em São Paulo precisava trabalhar uma hora e 15 minutos para comprar uma dúzia de bananas. Para um quilo de pão, duas

horas e 10 minutos. Para um quilo de café, dez horas de trabalho.

A tabela abaixo mostra o salário mínimo do Brasil, em março de 1981: um dos menores da América Latina. E pensar que mais de 14 milhões de brasileiros economicamente ativos ganham menos do que um salário mínimo!

PAÍS	SALÁRIO EM CRUZEIROS	TEMPO DE TRABALHO EM HORAS NECESSÁRIO PARA COMPRAR		
		PÃO	LEITE	CARNE
PARAGUAI	16.499,00	1:12	0:45	3:24
VENEZUELA	15.938,00	0:48	0:40	6:56
EQVADOR	14.970,00	0:51	0:29	4:33
ARGENTINA	14.252,00	1:54	0:37	6:41
URUGUAI	11.110,00	0:57	0:35	3:41
CHILE	10.658,00	1:12	0:38	10:35
PANAMÁ	10.470,00	0:50	0:40	6:47
COLÔMBIA	9.000,00	2:46	0:49	5:31
BRASIL	5.735,00	2:12	1:07	9:49
PERU	5.100,00	1:43	1:27	12:13

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

O perigo de guerra empesta o planeta

Aumenta, com rapidez, o perigo de uma guerra mundial. Dois blocos hostis afiam suas armas: o dos Estados Unidos, e o da União Soviética. O mau-cheiro da guerra já empesta a Europa, Oriente Médio, Norte e Sul da África, e espalha-se pelo planeta.

O movimento operário de todos os países é chamado a tomar posição diante da ameaça, inclusive no Brasil, que detém uma posição importante no Atlântico Sul, entrou na corrida às armas e está nos planos estratégicos do imperialismo norte-americano.

UMA GUERRA DE RAPINA

Os operários conscientes distinguem dois tipos de guerra. Uma classe oprimida que não aspirasse aprender o manejo das armas estaria condenada à opressão. A história está cheia de exemplos de guerras justas: como a campanha do Brasil na Itália contra o nazifascismo em 1944-45, a luta de libertação das ex-colônias portuguesas, em 1962-75, ou, atualmente, a guerrilha em El Salvador.

Mas a guerra em questão tem conteúdo exatamente oposto. É um conflito inter-imperialista, entre grandes potências e multinacionais, pelo domínio do mundo. Nessa guerra de rapina só os exploradores têm a ganhar, enquanto os explorados matam-se uns aos outros.

Imperialismo quer dizer guerra. Sua vida resume-se em expandir domínios, mercados, áreas para exportar capitais. A violência é o veículo principal dessa expansão. E, como há diversos grupos imperialistas concorrendo, chega a hora em que é inevitável a guerra entre os bandos rivais.

O MOVIMENTO PELA PAZ

Nos últimos meses surgiu, principalmente na Europa, um possante movimento de massas pela paz. Na Alemanha, Inglaterra, Bélgica, houve protestos de 200, 300 mil pessoas contra a instalação de mísseis nucleares.

Este movimento é em parte continuação do que nasceu após a II Guerra, liderado pela União Soviética. Mas hoje combate as duas

superpotências — tanto os EUA como a URSS.

É que há 25 anos a URSS, dirigida por Stálin, era a grande pátria do socialismo e tinha um enorme prestígio, conquistado na luta antinazista. Combatia de fato pela paz, assim como defendia a revolução no mundo.

A URSS JÁ NÃO É A MESMA

Hoje a União Soviética não é mais a mesma. Continua falando de paz, como, aliás, os Estados Unidos também. Mas seus atos não combinam com as palavras. A URSS atual não é socialista. Exporta capitais, invade países, promove golpes de estado, trafica com armas, multiplica seu orçamento militar e prepara a guerra, tal qual os Estados Unidos. Já renegou há muito os apelos à revolução.

O movimento pela paz tem razão ao combater ambas as superpotências e seus comparsas. Agir diferente seria atrelar-se a interesses imperialistas e no fundo ajudar a guerra.

O PACIFISMO PEQUENO-BURGUEZ

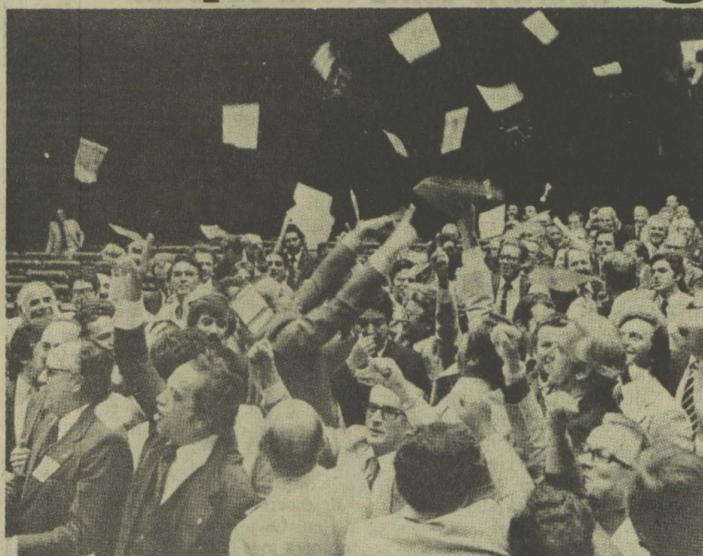
Porém nem tudo são flores no movimento pela paz. Também existe nele a influência do pacifismo pequeno-burguez, que atrapalha.

O mal do pacifista pequeno-burguez é não encerrar as razões econômicas, sociais e políticas que levam às guerras. Na sua miopia, ele põe a culpa na "loucura" ou "estupidez" dos governantes. E por isso dirige o movimento pela paz no rumo dos apelos à "razão humana", que os imperialistas, naturalmente, nem escutam.

O movimento operário consciente é em todo mundo o maior adversário da guerra imperialista. Mas combate a guerra a partir de uma análise científica da realidade, de uma visão classista e revolucionária, a única capaz de responder aos perigos do momento.

Nas suas bandeiras de luta pela paz, os operários conscientes escreveram as palavras de Lênin: "Ou a revolução impede a guerra, ou a guerra provoca a revolução".

Oposição unida derrota os pacotes do governo



Euforia dos opositoristas no Congresso após a fragorosa derrota do PDS

A união dos partidos de oposição e a desagregação do partido do governo permitiram a derrota dos "pacotes" da Previdência Social e das sublegendas no Congresso Nacional. O agravamento da crise política no país faz fracassar o plano dos generais de manter o parlamento amordaçado e submisso às suas ordens.

FALENCIA DO GOVERNO

Apesar de jogar com as cartas marcadas, o governo já não tem garantia de impor sua vontade ao Congresso Nacional. Ele vinha há tempos impondo ao Parlamento regras eleitorais e normas de funcionamento que asseguravam a maioria do PDS. Para isto promoveu a reforma partidária, visando fragmentar as oposições. Instituiu a figura do senador biônico. Estabeleceu a aprovação de projetos por decurso de prazo. Aprovou a Lei Falcão para impedir o acesso dos candidatos ao rádio e televisão. E para completar, sempre usou as ameaças, a corrupção e os acordos espúrios com os vacilantes.

Agora, a derrota do "pacotinho" das sublegendas por 216 votos contra 1, uma vez que o PDS abandonou o plenário, e do "pacote" da previdência, na semana seguinte, comprovam a falência do esquema governista no Congresso. A crise econômica agravou de tal modo as contradições que os generais sentem-se ameaçados de perder o controle em todos os terrenos.

O PAPEL DO PARLAMENTO

Esta situação de crise exige posições firmes contra o regime militar. Dentro da oposição, as correntes conciliadoras vão sendo desmoralizadas pela prática. Mesmo alguns parlamentares menos combativos sentem que não conseguirão os votos do povo se conciliarem com os casuísmos. E dentro do próprio PDS cresce a rebeldia contra o governo.

A vitória das oposições nestes episódios não significa entretanto o fim do regime, como se apressam a dizer alguns opositoristas iludidos com a luta parlamentar. Não é principalmente no Congresso que o povo pode depositar esperanças para a conquista da democracia. Mas a luta no parlamento, estreitamente ligada a um forte movimento de massas, pode ajudar a criar condições para um novo estágio na luta democrática.

A vitória no Congresso pelas eleições limpas e em defesa dos aposentados

PDS já não pode dar candidatura para cacique descontente

O PDS já não pode agradar a cada um de seus caciques descontentes com uma candidatura a governador. Se fosse aprovado o "pacotinho" da sublegenda, cada partido poderia lançar até três candidatos, e o partido do governo tentaria contornar os conflitos nas suas fileiras. Com a derrota, vão aumentar as disputas e a desagregação do PDS.

Por outro lado, na medida em que as oposições procuram se unir em torno dos candidatos mais representativos e em torno da luta contra os casuísmos do regime militar, elas aumentam as suas chances de vitória e contribuem para a conquista de eleições limpas em 1982.

Com a derrota do pacote da Previdência, foi barrado o plano do governo de jogar sobre os aposentados as consequências de sua incompetência e corrupção na administração

do INPS. Foi derrotado o item 1º, que retirava o reajuste de 10% acima do INPS para os aposentados. Da mesma forma, foi suprimido o artigo 2º, que suspendia a aposentadoria dos que voltassem ao trabalho — como acontece com a maioria, devido aos salários de fome que os trabalhadores recebem.

Presença popular exigiu de todos posição mais firme

A unidade dos partidos de oposição e o descontentamento dentro das fileiras do próprio PDS derrotaram as manobras do governo no Congresso. A presença de um grande número de populares, aposentados principalmente, nas galerias do Congresso serviu como uma forte alavanca para impulsionar uma atitude mais firme dos parlamentares. Mesmo os vacilantes tiveram que pensar nas eleições que se aproximam, e nos votos do povo.

"Só existe um governo" Mas não é do Aureliano

"Quem toma a decisão sou eu... Sou homem que não abdicarei". Foi o que disse Aureliano Chaves a um repórter que indagava se o general Figueiredo é que decidiria sobre o caso dos padres franceses presos no Pará. Mas há dias atrás ele tinha dito: "Não existem dois governos mas um só, do presidente João Figueiredo, a quem estou internamente substituindo... O que existe é o governo Figueiredo".

O QUE FAZ AURELIANO?

Com razão muita gente pergunta: quem governa de fato o país? Por que Aureliano não pôde tomar parte na Conferência Internacional de Cancun? Por que os ministros continuam levando relatórios e projetos para exame do general Figueiredo, em vez de consultarem Aureliano? Por que foi suspensa

a prática diária da "reunião das nove" do presidente com os ministros mais importantes? Por que o general Otávio Medeiros, do SNI, e o general Venturini, da Casa Militar, viajaram para os Estados Unidos com Figueiredo, em vez de participarem das tarefas do governo com Aureliano? Por que Aureliano ficou cuidando de sua fazenda Três Pontas enquanto em Brasília o Congresso debatia e derrotava o pacote da Previdência apresentado pelo governo?

Afinal quem governa e quem decide?

É voz corrente que os conflitos entre o general presidente, doente e licenciado, e o presidente civil, de fachada, são resolvidos nos bastidores. Quem manda são os altos escalões das Forças Armadas e dos serviços de segurança. A farsa da posse do vice-presidente não convenceu ao povo.

PCB propõe união com o partido do governo

Mais uma vez o PCB reafirma a sua política de colaboração com o regime militar. Através de seu secretário geral, Giocondo Dias, o partido revisionista manifesta disposição de fazer frente com o PDS para as eleições no Rio de Janeiro. Com o maior cinismo, Giocondo diz que vai apoiar o candidato das forças democráticas "esteja onde estiver, mesmo no PDS".

Incapaz de analisar as coisas do ponto de vista da classe operária, Giocondo trata o PDS abstratamente, como se não fosse o partido criado para sustentar politicamente o regime militar. Com o intuito de comprar a legalidade para o PCB, procura entrar no jogo definido pelos generais, tratando igualmente todos os partidos, inclusive o do governo. Agindo desta forma, na verdade, procura conquistar a confiança dos militares.

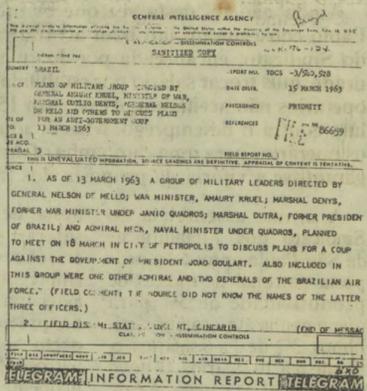
Revelando maior cegueira política que muitos burgueses liberais, Giocondo trata de ganhar algumas cadeiras no parlamento e influir em alguns governos estaduais, deixando de lado os problemas do povo. Além de unir a luta popular, não percebe que os votos do povo não irão para os conciliadores e demagogos. Quem seguir esta política só pode caminhar para a derrota nas



Giocondo: defendendo o PDS

urnas. A experiência, mesmo no Rio de Janeiro, mostrou em 1974 que foram os autênticos que levaram vantagem na luta eleitoral e que em 1978 foram os candidatos populares combativos.

A classe operária é a maior interessada na democracia e na unidade com os democratas. Mas não a unidade sem princípios do Sr. Giocondo. Unidade de luta pela liquidação do regime militar e pela conquista da liberdade.



No documento da CIA conspiração golpista

Documento secreto revela ação da CIA no golpe de 1964

Documentos secretos publicados pelo Departamento de Estado norte-americano revelaram: em 1962 a CIA já trabalhava pelo golpe do Brasil.

Um dos documentos, datado de 2 de novembro e endereçado ao presidente dos Estados Unidos, afirma: "O uso apropriado da nossa ajuda e de outras fontes poderia, temos esperança, resultar num governo mais forte e orientado para o governo dos Estados Unidos". Naquela época a CIA já achava difícil, sob o governo João Goulart, manter o controle da situação brasileira, "de tremenda importância para os Estados Unidos". "Talvez seja demais — dizia — ter a crença ou mesmo a esperança disso". E realmente, em março de 1963 os documentos da CIA já revelam o início da conspiração golpista entre os generais brasileiros.

OS MAIS PRÓ-AMERICANOS

Os espões norte-americanos dedicavam especial atenção às Forças Armadas brasileiras. Segundo os documentos recém-divulgados, "é consenso geral que o sistema militar brasileiro é em toda a nação o elemento mais anticomunista e pró-americano". Por isso, recomendam que "todo esforço deverá ser feito para incrementar o número de oficiais brasileiros enviados para adestramento em escolas militares norte-americanas".

Além disso, a CIA recomendava abertamente a Casa Branca o uso da dívida externa (2,7 bilhões de dólares na época) como instrumento de chantagem junto ao Brasil. E uma "cuidadosa política" de controle de natalidade no Nordeste.

Pouco depois, com o golpe, e até hoje, com o regime militar vende-pátria, o Brasil sofreu na carne os amargos frutos dessa interferência imperialista.

O desespero dos desempregados



Greve dos tanqueiros garante aumento no preço do frete

Com uma vigorosa greve, que deixou sem gasolina vários postos de São Paulo, os camioneiros conseguiram um aumento de 5% no preço do frete, retroativo ao dia 19 de outubro. Os tanqueiros — transportadores de carga líquida (gasolina) — paralisaram suas atividades no dia 29, reivindicando aumento de 13,2% no preço dos fretes. A resposta imediata do general Ozil de Almeida, presidente do Conselho Nacional de Petróleo (CNP), foi de que só concederia um aumento de 2%. Os tanqueiros mantiveram a greve, paralisando os terminais de Barueri, São José dos Campos, Vila Carioca, Cubatão e Paulínia. Nesta cidade estão os tanques da Shell, Atlantic, Texaco, Esso, Ipiranga, São Paulo e Petrobrás. No dia 31 os tanqueiros voltaram ao trabalho, com o aumento de 5% no preço do frete e uma reunião marcada com o CNP em meados de novembro, para prosseguir as negociações.

Ação da Serigy não intimida os camponeses de Sergipe

Os camponeses de Santana dos Frades (Sergipe) há muito tempo estão lutando pela posse definitiva de suas terras, que ocupam há mais de cem anos, passando de geração para geração. Agora apareceu a Serigy Industrial, dizendo-se dona das terras e utilizando da violência para amedrontar os camponeses. A Serigy entrou com ação na justiça e venceu. O governador Augusto Franco ofereceu uma área de terra para enganar os camponeses, mas estes continuam firmes em sua luta. Os policiais de Santana dos Frades estão de prontidão, para obrigar os camponeses a abandonar suas terras. Mas os camponeses não recuam, e estão dispostos a defenderem seus direitos com armas nas mãos, se preciso.

(Da sucursal)

Leões Unidos querem renovar o sindicato dos Rodoviários

A Chapa 5, Leões Unidos, está concorrendo às eleições do Sindicato dos Rodoviários de Niterói, que serão realizadas no dia 20 de novembro. Os integrantes da chapa 5 querem "renovar e fortalecer o nosso órgão de classe para que seja um instrumento de luta da categoria, com base num sindicalismo classista, que aglutine, organize e mobilize os trabalhadores na luta pela liberdade e autonomia sindical". Além das lutas específicas da categoria, a plataforma da chapa 5 inclui a luta por amplas liberdades políticas, reforma agrária radical e Assembleia Constituinte convocada por um governo provisório.

(Da sucursal)

Operários da Embraer entram em greve contra o desemprego

Os funcionários da Empresa Brasileira de Aeronáutica (Embraer) estão respondendo com greve à ameaça de desemprego feita pela empresa. No dia 28 a empresa confirmou a notícia de que, a partir de novembro, demitiria 430 funcionários. No dia 29, após decidirem-se pela greve em assembleia, convocada pela diretoria do Sindicato, os funcionários da empresa realizaram passeata em São José dos Campos, para ganhar o apoio da população à sua luta. Depois dessa ação vigorosa dos trabalhadores, a direção da Embraer diminuiu para 400 o número provável de demitidos. Mas os operários continuam em greve, pois não aceitam nenhuma demissão. No início do ano o governo havia anunciado que a indústria aeronáutica ia se expandir este ano. Mas agora a Embraer, de quem é o maior acionário, anunciou as demissões, repudiadas pelos operários.

Posseiros de Canabrava não aceitam ameaça de grileiro

Os trabalhadores do vale de Canabrava, na Bahia, estão sendo ameaçados pelo grileiro Félix Soares da Silva, que se diz dono das terras. Ele promoveu uma ação contra os posseiros, que não se defenderam adequadamente e perderam a questão, apesar do esforço dos advogados da FETAG, que pegaram o processo já perdido. Félix Soares é um grileiro como todos os outros: valentão e conversador quando acompanhado dos capangas, mas fofinho e jeitoso quando sozinho. Os posseiros não estão esmorecidos. Garantem que só sairão das terras mortas. Estão unidos para o que der e vier.

(Da sucursal)

Congresso dos professores de S. Paulo debaterá democracia

Os professores paulistas estão preparando o II Congresso da APEOESP, que será realizado em Sorocaba, nos dias 20, 21 e 22 de novembro, onde se posicionará sobre a unificação das entidades dos professores em nível estadual, a filiação da APEOESP à CPB e a democracia na escola. Todos os professores associados à APEOESP devem tirar delegados em suas escolas e lutar para que as resoluções do Congresso expressem o desejo de luta e de unidade da categoria em torno da defesa dos seus interesses.

Professores potiguares fazem greve por salários atrasados

Os professores da rede estadual do Rio Grande do Norte estão em greve desde o dia 19 de outubro, exigindo o pagamento de seus salários, atrasados desde fevereiro; reajustes semestrais; 13º salário; enquadramento no Estatuto dos Professores, dentre outras reivindicações. O governador Lavoisier Maia ameaçou punir os professores em greve, mas retirou a ameaça dois dias depois devido à amplitude do movimento. Os professores contam com o apoio da União Metropolitana dos Estudantes Secundaristas e da comunidade potiguar.

Operário toma soda cáustica

No dia 26 de outubro o metalúrgico desempregado Rubens José Mário comprou um pacote de soda cáustica num mercado de Santo Amaro, na Zona Sul de São Paulo. Logo em seguida entrou num bar, comprou um copo d'água, misturou e bebeu. Cambaleando, pegou um ônibus e foi para sua casa no bairro de São José. Quando chegou na porta de casa caiu desmaiado.

117 FICHAS
Rubens estava sem emprego desde o dia 17 de maio, quando foi demitido do cargo de fresador da Senco, no Taquaral. Pai de dois filhos, com 37 anos de idade, ele hoje se encontra hospitalizado e conta sua história:

"Desde o dia da demissão minha vida virou um inferno. Durante estes cinco meses em fiz 117 fichas para emprego. Saía de casa às cinco horas da manhã e só voltava lá pelas oito da noite, sem comer nada. Na segunda-feira eu fui até uma metalúrgica no Embu. Fiz ficha, o psicotécnico e eles me mandaram esperar. À tarde me disseram que não tinha vaga. Já sai da fábrica desesperado. Parei numa praça e procurei no jornal um novo emprego. Todos que tinham anúncio eu já tinha visitado. Aí fiquei desorientado, comprei soda e um copo d'água e bebi".

MAIS DE 150 NA FILA

"Eu sempre levei uma vida decente como trabalhador. Uma vida pobre, mas de pobre honesto. Nunca deixei faltar comida para os meus filhos. Mas neste mês começaram as dificuldades. Não paguei aluguel e nem dinheiro para comprar os alimentos tenho. Eu pago 10.500 cruzeiros de aluguel, uns 2 mil de luz e uns mil e quinhentos cruzeiros de água e esgoto. E a minha indenização da demissão foi de 62 mil cruzeiros.

Como é que eu podia viver cinco meses com esta ninharia?"

"Como desempregado eu vi o desespero dos milhares como eu. Os jornais anunciam emprego mas é pura vigarice, jogo sujo dos patrões. Não tem fila de emprego que não tenha mais de 150 operários.

A vida do operário hoje é ficar olhando jornal e andando que nem palhaço o dia todo".

CAUSA DO DESESPERO

"Quando eu sair do hospital, volto a procurar emprego. Virar um ladrão, um marginal, como o governo e os patrões querem, eu não vou.

Nas assembleias do Sindicato a gente vê como os patrões choram para dar a migalha de aumento que nós pedimos.

Eles querem mesmo que a gente tome soda cáustica. Eles é que são os culpados".

(Altamiro Borges)



O mineiro José Neto vende rim e córnea para sobreviver

Demitido vende rim e córnea

Rim e Córnea — Vendo. Tratar horário comercial. Telefone: 224-6741. Rim, Vendo, 22 anos e não bebo. Tratar: av. Madrid, 98 - Eldorado.

Anúncios como esses vêm se repetindo quase diariamente nos jornais de Minas Gerais. "A situação de crise e desemprego é que leva a gente a colocar um anúncio deste no jornal. Igual a mim tem muitos outros", explica o metalúrgico José de Souza Neto, que há mais de um mês foi demitido da Usina Siderúrgica Paranaense (Usipa), em Contagem. Ele está vendendo uma córnea por dois milhões e 500 mil cruzeiros e um rim por este mesmo preço.

Mineiro de Governador Valadares, 20 anos de idade, com uma voz mansa, José Neto explica a sua situação: "Sou casado há três meses e minha mulher trabalha numa indústria de confecção. Nós dois juntos tínhamos o salário de 30 mil cruzeiros. Agora só sobra cinco mil cruzeiros para gastar com condução e alimentação". Sua despesa fixa mensal é de nove mil e qui-

nhentos cruzeiros com aluguel, água e luz. Além disso tem uma prestação de dez mil cruzeiros — gasto que fez para comprar os móveis para sua casa quando casou — que não tem como pagar.

"No meu ponto de vista" — diz José — "ninguém deveria vender uma coisa da natureza. Mas não tem solução. O jeito é ficar cego de um olho e vender um rim. Eu vejo uma situação muito difícil para sobreviver. Imagina então para uma pessoa que ganha salário mínimo, que tem que pagar aluguel, o aumento da condução e a inflação".

Quando saiu de Valadares, em 1978, o metalúrgico vivia de música. "estilo Geraldo Vandré" dava shows na cidade e tocava nos bares. "O meu maior sonho é realizar minha carreira de cantor. Com este dinheiro da venda da córnea e rim eu vou gravar um disco em São Paulo", acredita José Neto.

(Da sucursal)

Metalúrgicos de São Paulo não conseguem bom acordo

Ainda não foi desta vez que os metalúrgicos de São Paulo conseguiram um bom acordo salarial. A diretoria do Sindicato, encabeçada por Joaquim dos Santos Andrade, quis trocar salário por estabilidade no emprego. Os operários não aceitaram, e exigiram 15% de aumento e uma luta contra o desemprego. Mas Joaquim não mobilizou os operários para uma campanha ofensiva, de massas, que garantisse a vitória da proposta dos trabalhadores.

A última assembleia do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo aprovou a proposta patronal de índices de produtividade de 5% para quem ganha até 3 salários-mínimos; 3% de 3 a 6 salários; e 2% de 6 a 10 salários. O novo piso salarial da categoria é de Cr\$ 17.520,00. Os operários queriam 15% de aumento e piso de Cr\$ 31.500,00. A Assembleia, com cerca de 2 mil operários, durou pouco mais de uma hora. Só foram aceitas inscrições de 6 oradores, devido ao regimento interno rígido elaborado pela diretoria da entidade.

JOGO NA DESMABILIZAÇÃO

A diretoria do Sindicato jogou na desmobilização da categoria, desde o início da campanha salarial. Sua pro-

posta de trocar o aumento salarial pela estabilidade e criação de 100 mil novos empregos foi uma ducha de água fria na campanha. Era, na prática, a proposta do pacto social proposto pelos patrões. Mas o pacto foi amplamente rejeitado pelos operários.

Como disse um operário da Metal-Leve, "o que interessa pra categoria é o salário. O desemprego em massa é uma derrota para o movimento operário, mas não estamos de cabeça baixa. Havia fábricas em condições de greve, que se alastrará rapidamente, mas a infra-estrutura do Sindicato não foi colocada a serviço da campanha salarial".

Foi marcado um ato de protesto no Sindicato, dia 29, devido à intransigência da FIESP.

Mas o Sindicato não imprimiu uma convocatória sequer, e somente 150 pessoas compareceram.

Por outro lado, soube-se que a diretoria do Sindicato convocou, através de cartas, uma reunião com cerca de 100 participantes para garantir a aprovação da proposta patronal na assembleia do dia 30 de outubro. Joaquim e mais alguns diretores planejaram a atuação de algumas pessoas que ficariam desestimulando a continuidade da luta na plenária. O próprio Joaquim encarregou-se de abrir a assembleia dizendo que "seria fácil rejeitar a proposta da FIESP, mas conseguiríamos menos que os 5% no Tribunal do Trabalho, e teríamos que aplaudir".

A proposta de continuidade da mobilização dos operários para uma nova assembleia foi rejeitada. Isso levou a diretora Nair Goulart, do Sindicato, a afirmar que não dava "pra festejar esse acordo. Foi muito ruim. E nós tivemos muita responsabilidade nisso..."

Operários de Canoas limpam o seu Sindicato dos pelegos

A diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de Canoas, no Rio Grande do Sul, volta para as mãos dos trabalhadores. A categoria, com mais de 30 mil operários, votou nos dias 6, 7 e 8 de outubro contra os pelegos sindicais e a favor de uma diretoria de luta. O novo presidente é o conhecido Paim, com o qual a Tribuna conversou.

TO: O que a nova diretoria pretende fazer inicialmente?

Paim: Nossa meta principal é o trabalho dentro da fábrica, ajudando a formar as comissões de fábrica. Não queremos um Sindicato de cúpula, de conchavos de gabinete, mais sim um Sindicato aberto a todos os trabalhadores. Nossa primeira luta é contra o desemprego, que para ser brechado dependerá de muito combate, não será uma dádiva dos patrões. Pretendemos



À frente, o novo presidente do Sindicato

também cadastrar todos os desempregados de nossa região.

TO: E com relação a luta por liberdades políticas no nosso país?

Paim: Para os trabalhadores é de fundamental importância a existência de amplas

liberdades políticas, porque com elas nós conquistamos mais espaço, facilitamos nossas vitórias. Agora, para conquistarmos esta liberdade precisamos da união de todos para fazer frente à estrutura do regime militar. As oposições não podem se dividir.

(Da Sucursal)



Laranjeira, Francisco e Euclides, os novos diretores.

Bancários baianos festejam a reconquista do Sindicato

A alegria tomou conta dos bancários baianos, no dia 25 de outubro. É que eles reconquistaram seu sindicato, que estava há mais de 17 anos nas mãos dos pelegos. A chapa 1, da oposição sindical, obteve 2.807 votos, contra 1.541 da chapa 3, que no segundo escrutínio contou com o apoio da chapa 2, também formada por ex-diretores do sindicato.

Segundo Euclides Fagundes, novo diretor do Sindicato, "nosso programa reflete os anseios dos bancários, tanto no plano específico como no geral. Mas ele só terá validade se for

aplicado na prática, e isso nós vamos procurar fazer junto com toda a categoria, incentivando a organização nas bases e procurando manter um nível de mobilização constante".

O programa da chapa eleita inclui a luta pelo fim das demissões e pela estabilidade no emprego; por melhores salários; jornada de 6 horas; direito de greve; amplas liberdades democráticas. Esta vitória refletiu a prática correta dos opositoristas que atuaram dentro do Sindicato, denunciando a diretoria imobilista.

(da sucursal)

Corrupção nos transportes coletivos do Rio de Janeiro

Dos 40 ônibus que serviam a linha 261, hoje existem oito funcionando; dos 25 da linha 104, tem dez; dos 30 da linha 105, apenas oito funcionam. Essa redução violenta dos ônibus da Companhia de Transportes Coletivos do Rio de Janeiro — que é estatal — visa beneficiar as empresas de transportes particulares. É a maneira como o governador Chagas Freitas, do PP, negocia apoio do empresariado para os seus candidatos em 82. "Além disso, o governador demitiu 800 funcionários da CTC, alegando que não há serviço para eles, já que a frota está sendo reduzida. Só que outras 800 pessoas estão sendo contratadas no lugar, sempre com uma cartilha do deputado Jorge Leite ou do Miro Teixeira, apadrinhados do Chagas Freitas", denuncia uma das cobradoras demitidas do CTC.

"Tem veículo que deixa de trafegar por falta de um feixe de molas, de um pneu ou de uma batente", informa um motorista, que completa: "Isso é um absurdo, porque basta o rendimento diário de um ônibus para comprar esse material todo. Mas isto não é feito e o passageiro fica esperando 30 ou 40 minutos pela condução, enquanto mais da metade da frota fica na gara-

gem e os companheiros vão perdendo o emprego".

6 MIL HORAS DE GRAÇA

"Toda a direção da CTC está na mão dos milicos. E esses militares ficam usando os funcionários pros seus interesses particulares. O pessoal da marcenaria ficou seis meses fazendo móveis pro Coronel Cascão, presidente da empresa. E tem um diretor, o Sérgio Noronha, que foi indicado diretamente por Brasília", denuncia uma funcionária da CTC.

As irregularidades trabalhistas da empresa também são muitas. Um motorista enumera algumas: "A CTC consome 30 minutos a mais de trabalho de todos os funcionários sem pagar hora extra. São 6.500 funcionários em cada um dos dois turnos. Portanto, são seis mil horas de trabalho por dia, o que faz com que eles faturem muito dinheiro à nossa custa... Ao se aproximar o fim do ano, época do 13º salário, os patrões demitem um grande número de empregados pagando apenas o FGTS e retendo todos os outros direitos... E o pior, a cada ano que passa, o nosso salário está diminuindo mais".

(da sucursal)

Manobra do usucapião não garante a posse da terra

O governo mandou para o Congresso um projeto de lei que passa o usucapião de 10 para 5 anos. Sua preocupação é com o aumento brutal das lutas camponesas. Também está querendo marcar posto para as eleições de 1982. Mas no Brasil a lei do usucapião fica só no papel.

A lei atual exige que o possessor fique 10 anos na terra para conseguir título definitivo de propriedade. O projeto agora apresentado muda esse tempo para cinco anos desde que o lote não passe de 20 hectares e seja em terras do governo.

Com muita razão a Contag criticou o projeto. O problema da expulsão dos camponeses por grileiros e latifundiários não será nem de longe melhorado com a redução para cinco anos na lei do usucapião.

A LEI NÃO É RESPEITADA

No Brasil de hoje mais de 2 milhões de pessoas estão envolvidas em conflitos pela posse da terra. As autoridades locais e até mesmo federais dão cobertura à grilagem de terras contra os direitos dos camponeses.

Os posseiros da localidade de Pau Brasil, em Vitória da Conquista, por exemplo, es-



Mesmo com cem anos de posse os Wassu tem que pegar em armas.

tao nas suas terras há mais de 30 anos e mesmo assim são perseguidos há 12 anos pelo grileiro Germano. Os índios Wassu, que ocupam as terras alagoanas de Joaquim Gomes há mais de 100 anos tiveram que expulsar 10 jagunços do grileiro Amaro Galdino.

Em Varzelândia, Minas Gerais, é o próprio ex-comandante do Batalhão da PM de Montes Claros, Coronel Georgino, que usa soldados e metralhadoras e já persegue os posseiros há quinze anos. Na região de Santa Maria de Vitória, centenas de posseiros são perseguidos há mais de 13 anos. Foi aí que em 1977 os fazendeiros assassina-

ram o combativo advogado dos camponeses Eugenio Lyra.

Por toda parte policiais, jagunços, grileiros e latifundiários fazem letra morta da lei do usucapião.

Para resolver essa situação o governo apela para uma solução mágica: mudar a lei para não ter que mexer nos privilégios do latifúndio. A verdadeira solução para esse problema já foi apontada pelos trabalhadores na Conclat: reforma agrária radical; liquidação do monopólio da propriedade da terra com a desapropriação dos latifúndios.

Em Pernambuco, senhor de engenho assassina criança

O menor José Heraldo da Silva, de apenas cinco anos de idade, e seu pai, João Duda da Silva, de 22 anos, foram friamente assassinados no dia 12 de outubro na Zona da Mata de Pernambuco. O lavrador João Duda e seus dois filhos (José Heraldo e José Rinaldo), trabalhavam na tarefa de queima da cana do Engenho Morado do Sol, preparando-a para o corte. Só que por acidente o fogo se alastrou e atingiu parte do canal do Engenho Palma, de propriedade da poderosa família Guerra. Imediatamente eles foram surpreendidos pelo filho do proprietário do engenho, Enio Guerra Filho, que passou a espancá-los violentamente.

de do senhor do engenho os três saíram correndo pelo canal. Porém mais adiante foram interceptados por Enio Guerra e o filho. Os dois assassinos atiravam sem dar a menor chance de defesa aos trabalhadores. João Duda e José Heraldo tombaram mortos, enquanto Rinaldo conseguiu escapar.

LIVRE PELAS RUAS

Não satisfeitos com a ação os Guerra ainda passaram a ameaçar de morte a esposa do lavrador e seu filho José Rinaldo, que tem oito anos. Os dois tiveram que sair da cidade, enquanto os assassinos passeiam livremente pelas ruas de Bom Jardim. O delegado de polícia limitou-se a abrir um processo e conse-

lhar a viúva e o menor a abandonarem a região e esquecerem o assassinato.

A defesa da família está sendo feita pela Fetape (Federação dos Trabalhadores na Agricultura de Pernambuco), que pretende abrir um novo inquérito para apurar o crime e punir os responsáveis. A Fetape também exigiu do governo do Estado proteção especial para dar garantia de vida à viúva e ao menor. Por seu lado a Contag (Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura) enviou nota oficial de repúdio ao assassinato aos jornais e aos "órgãos competentes para que esse crime não venha a resultar na impunidade dos responsáveis".



Acima, o enterro de José Silvino, com a presença de mil camponeses. Ao lado, a vítima do grileiro

Capanga dá seis tiros num líder camponês da Paraíba

Cerca de mil camponeses participaram, no dia 13 de outubro, da missa de sétimo dia e da manifestação de protesto contra o assassinato do lavrador José Silvino Valdevío, em João Pessoa. A morte deste líder camponês e a destruição e incêndio de casas de lavradores acirraram ainda mais o conflito de terra na região compreendida pelas fazendas Salamargô, Ana Cláudia e Massangana, a menos de 50 quilômetros da capital da Paraíba.

11 famílias que lá residem há cinco anos. Foi o capataz do fazendeiro, o detestado Manuel Batista, que desferiu seis tiros à queima-roupa em José Silvino. O lavrador, com 49 anos de idade, deixa esposa e nove filhos.

OMISSÃO DO GOVERNO

A omissão do governo e da Polícia Federal neste caso foi decisiva para o assassinato do camponês. Os lavradores e sua assessoria jurídica, dois dias antes do incidente, haviam pedido providências à Superintendência de Polícia e ao Dopse. Nada foi feito. Outra mostra da posição da polícia é que até o meio-dia do dia 7 nenhum policial apare-

ceu em Salamargô para investigar a morte de José Silvino, alvejado às seis da manhã. E o próprio Manuel Aureliano havia patrocinado no dia cinco uma invasão na área onde residem as 11 famílias, e a polícia nem o procurou para pedir esclarecimentos.

Os lavradores, apesar da violência, não dão mostras de amedrontamento. Na área, com apenas 42 hectares, eles vivem desde a morte do proprietário há cinco anos. Nenhum herdeiro reclamou a posse. E só agora aparece o grileiro Manuel Aureliano, sem documentação nenhuma, dizendo-se dono da terra (Da sucursal).

INTERNACIONAL INTERNACIONAL INTERNACIONAL INTERNACIONAL INTERNACIONAL INTERNACIONAL INTERNACIONAL

Guerrilha da Guatemala abala governo dos militares

A Guatemala foi abalada por uma grande ofensiva guerrilheira, no dia 28 de outubro. As capitais das províncias do Sololá, Suchitepéquez, Escuintla, Retalhuleu, Quezaltenango e El Quiché foram os principais alvos da ação armada. Em Sololá os patriotas executaram o governador da província, coronel Carlos Rodas, e o chefe de polícia, coronel Júlio Folgar, além de outros integrantes das Forças Armadas. E ficaram com a capital sob seu controle por duas horas.

GOVERNOS MILITARES

Há 450 anos o povo guatemalteco luta por sua libertação. Durante todo esse período, somente nos anos 1944-54 conheceu alguma liberdade democrática. Em junho de 54, os Estados Unidos coordenavam uma invasão armada no país, chefiada pelo coronel Carlos Castillo. Castillo acabou com o direito de livre associação política, limitou a organização sindical, anulou o Código de Trabalho, queimou livros, torturou e matou patriotas. Em 1963 a Constituição do país foi substituída pela Lei de Defesa das Instituições Democráticas, que chega a estipular penas de prisão simplesmente por uma viagem a um país socialista.

Desde então, o país conheceu somente um governo civil: o advogado Júlio César Mendes Montenegro venceu dois candidatos militares nas eleições de 1966, realizadas sob estado de sítio. Mas para poder assumir, Montenegro abandonou sua plataforma eleitoral e fez um acordo com os militares. Reinou, mas os generais governaram. O saldo de seus quatro anos de governo foram mais de cinco patriotas assassinados por dia!

TREINAMENTO NO BRASIL

Mais de 80 mil civis foram assassinados na Guatemala, nos últimos 25 anos, por oposição ao regime militar. O Exército guatemalteco é o mais moderno e equipado da América Central. Segundo o que revelou um integrante do governo, os oficiais da Guatemala "receberam treinamento da CIA, do Pentágono, e dos governos de Israel, Chile, Argentina e Brasil".

Apesar da Guatemala ser o maior, e potencialmente o mais rico país da América Central, a situação do povo é de extrema miséria, contrastando com a grande concentração de riquezas. Cerca de 50 famílias possuem 72% das terras, sendo a United Fruit Company a maior latifundiária do país; 5% da população ficam com 34% da renda nacional. Os Estados Unidos são o principal sustentáculo militar do governo, que representa também a oligarquia latifundiária local.

A partir de 1972, há um vigoroso ascenso do movimento de massas, no campo e nas cidades. Em 1978 o general Lucas García assume a chefia do governo e aumenta ainda mais a repressão política. Aldeias são bombardeadas com napalm. O mês de julho de 1980, por exemplo, registrou a média de 34 assassinatos políticos por dia. Mas as manifestações populares e a ação armada são provas de que o povo guatemalteco não se deixa intimidar com a violência do governo.

Partido do Trabalho da Albânia comemora 40 anos de existência

Os trabalhadores da Albânia comemoram dia 8 os 40 anos de fundação do Partido do Trabalho, que conclui no mesmo dia seu VIII Congresso. Num clima de festa e vitória, eles reforçam ainda mais sua unidade em torno do partido que dirigiu a libertação de sua pátria e sua classe.

O Partido do Trabalho da Albânia foi fundado com 70 comunistas. Hoje tem 122 mil militantes: 31% são operários trabalhando na produção, em fábricas onde já não há patrões; 29% são camponeses, cultivando a terra já totalmente coletivizada. Cerca de 22% dos militantes, na maioria de origem operária ou camponesa, trabalham na máquina do Partido ou do Estado, mas voltam periodicamente à produção.

Há 40 anos, o país vivia sob o tacão dos ocupantes fascistas italianos, tinha apenas 30 tratores, nenhuma ferrovia, nenhuma escola superior, 90% de analfabetos. Hoje é um país socialista, sem



"A Fundação do Partido", pintura albanesa

Linha dura não resolve crise social na Polônia

A situação na Polônia, depois que o general Wojciech Jaruzelski assumiu o poder, parecia a de um país que acaba de sair de um golpe militar. Jaruzelski despachou tropas para 2 mil localidades, com a missão de informar sobre o que estivesse ocorrendo e reprimir manifestações de oposição. Ao mesmo tempo, exigiu o fim das greves. Ele substituiu Stanislaw Kania para fazer um governo de linha dura, repressivo, que pode ser fruto de um acordo com Moscou para evitar uma intervenção soviética no país.

AS GREVES CONTINUAM

Mesmo assim, no dia 28 os operários realizaram sua terceira greve geral de 1981, desta vez com uma hora de duração, contra a falta de alimentos e por liberdades políticas. Três dias depois, o Parlamento aprovou uma resolução pedindo o fim das paralisações.

Do mesmo modo, Lech Walesa e a direção do Solidariedade haviam proposto que os operários parassem espontaneamente de fazer greves. Mas as ameaças do governo e os apelos da direção anti-socialista do Solida-

riedade não foram atendidas. 250 mil trabalhadores continuaram com os braços cruzados entrando, no dia 31, em sua terceira semana de greve contra a escassez de alimentos. Falta aos operários poloneses, contudo, uma organização marxista-leninista, que dê às suas vigorosas manifestações uma orientação clara e precisa, em sua luta contra os revisionistas e os capitalistas.

Que liquide com a dependência do país ao social-imperialismo soviético e também dos imperialistas ocidentais. Que dirija a luta dos operários poloneses para o verdadeiro socialismo científico, onde é a classe operária que decide os rumos do país.

CRESCIMENTO E BEM-ESTAR

Está em pauta no Congresso o 7º plano quinquenal de desenvolvimento da economia e da cultura. Suas metas foram previamente discutidas pelos trabalhadores de todas as fábricas e cooperativas agrícolas. Enquanto até os Estados Unidos debatem-se na depressão, os albaneses decidiram continuar crescendo, depressa, e sempre visando a elevação do bem-estar do povo.

Por motivo do aniversário e do Congresso, foi lançada em Tirana a segunda edição do livro História do PTA, com três novos capítulos. Nela, o partido expõe sua trajetória, desde os tempos heróicos da guerra antifascista de libertação nacional, passando pelas batalhas políticas e ideológicas contra os revisionistas iugoslavos e soviéticos e incluindo agora também a ruptura com os revisionistas chineses.



O general Jaruzelski

ABC do socialismo

O combate à traição de Trotsky na URSS

"Trotsky fala muito no Partido, porém age pior que todos os demais divisionistas", já dizia Lênin em 1912. Nas décadas de 20 e 30, a atividade divisionista de Trotsky acabou levando-o à traição aberta à classe operária.

Desde a época da luta contra os reformistas, em 1901, Trotsky oscilava de um lado para outro. Ainda em 1917, os trotskistas se opunham à tomada do poder, alegando que o socialismo não seria possível sem uma revolução em toda a Europa. As vésperas da revolução Trotsky fez uma autocrítica e pediu ingresso no Partido, sendo aceito no VI Congresso, em julho.

Mas já em 10 de fevereiro de 1918, traindo as orientações do Partido, Trotsky interrompeu as negociações de paz com os alemães em Brest Litovsk, enfraquecendo na prática o jovem Rússia Socialista.

CONTRA O PARTIDO

Em 1923, Trotsky apresentou a chamada plataforma dos 46, contra a política leninista de

reconstrução da economia do país, e exigiu o direito de organizar facções e grupos dentro do Partido. Sua concepção pequeno-burguesa não aceitava um partido coeso e disciplinado. Propunha ainda, neste período, a militarização do trabalho e dos sindicatos. Contra a argumentação de Lênin, que defendia a democracia proletária nos sindicatos, chegou a citar o trabalho escravo, para mostrar que o trabalho obrigatório pode ser produtivo. O Partido repudiou esta sua atitude de desprezo aos trabalhadores.

A partir de 1925, alegando que a vitória do socialismo não era possível sem a revolução mundial, Trotsky lutou contra a política de rápida industrialização da URSS, e incentivou a sabotagem praticada pelos especialistas burgueses. Formou



Joseph Stálin

um grupo dentro do Partido, exigindo a rediscussão do direito às facções. Na preparação do XV Congresso do Partido, em outubro de 1927, 724 mil militantes votaram na política socialista encabeçada por Stalin, e apenas 4 mil nos trotskistas. Trotsky passou abertamente à atividade divisionista. Lembro o episódio em 7 de novembro uma manifestação na cidade para comemorar o aniversário da revolução.

Foi expulso do Partido. Os seguidores de Trotsky, ainda dentro do Partido, passaram a sabotar a mobilização dos camponeses para liquidar os kulaks (burguesia rural) e promover a socialização do campo. Em 1º de dezembro de 1936, um grupo trotskista clandestino assassinou o dirigente do Partido Sergio Kirov. O plano era para assassinar diversos outros membros do Comitê Central. Vários trotskistas foram julgados e receberam o castigo merecido.

A TRAIÇÃO CONSUMADA

Trotsky, refugiado no exterior, continuou a sua atividade de traição. Criou uma organização provocadora, que chamou de IV Internacional, e promoveu a organização de grupos trotskistas nos diversos países, sempre com uma atividade divisionista e oportunista. Em 1937, na eleição para o sétimo Supleno do PTA, 899 milhões de votos, de um total de 91 milhões, foram para os candidatos que apoiavam a política socialista do Partido. A seguir, a II Guerra Mundial.

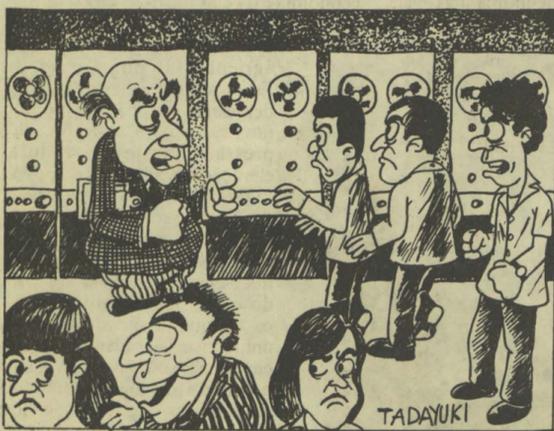


Neste número destacamos a carta da esposa de um líder sindical de São Paulo, que foi sequestrada, ao que tudo indica por forças para-policiais e que manteve uma atitude firme, denunciando a arbitrariedade de que foi vítima.

O dono de uma empresa paraibana, a Samasa, processou nosso jornal devido à carta de um operário publicada no nº 45, onde ele denuncia a exploração na empresa. Não arredamos pé de publicar as denúncias e nos recusamos a revelar o nome do autor da carta. Podem continuar a escrever. Se o patrão reagiu, foi porque o calo doeu.

Destacamos ainda a carta de um funcionário de supermercado de Goiás, que relata a morte de um indigente em frente ao mercado, por falta absoluta de assistência médica por parte do INPS e demais órgãos competentes. É ironia da vida, ele morreu de fome e miséria na frente do supermercado. Continue a escrever, amigo e leitor! Esta seção é sua!

(Olívia Rangel)



Dataprev de São Paulo demite e maltrata

Gostaria por intermédio desse jornal de denunciar algumas irregularidades da empresa da qual fui recentemente funcionário, a Empresa de Processamento de Dados da Previdência Social, Dataprev. Nessa empresa houve uma mudança radical, desde chefes de equipe até o gerente do polo. São essas coisas de política onde os incompetentes tomam posse, como é o caso do gerente imposto há uns 15 meses. Esse todo-poderoso tem por nome José Arrais. Quando aqui chegou, com cara de bondoso, amigo de todos, disse que os digitadores teriam acesso a ele para expor nossos problemas.

Antes dele tomar posse, o ambiente de trabalho era bem melhor, existia segurança, estabilidade, dialogávamos, tínhamos mais contato humano. Com esse ditador tudo mudou. Ele está mostrando sua verdadeira faceta de incompetência para dirigir tal entidade. Exemplos disso foram as seções divididas com divisórias, para que as equipes se isolassem.

Ele pensava que assim a

produção aumentaria, mas ele se esquece de que somos nós os alicerces da empresa. Existem os chefes de equipe, verdadeiros puxa-sacos, que se aproveitam da situação dando cantada nas mulheres, prometendo promoção;

Levamos muita bronca do chefe de serviço quando nos vê conversando com o colega ao lado, pois quanto mais trabalhamos melhor para ele, melhor produção ele recebe às nossas custas. Já imaginaram se eles forem despedidos, como os digitadores? Vão passar fome, são quase sem instrução e ganham quatro vezes mais que o digitador, que ganha em torno de 30 mil cruzeiros. Imagina o gerente, que ganha em torno de 300 mil cruzeiros! Tem um que é um verdadeiro ditador para manter-se no cargo. Esse gerente mandou de uma só vez quase 30 funcionários para o olho da rua. Isso ocorreu no dia 2 de outubro. E advertiu que em dezembro irão mais 50, pois ele fará uma boa seleção de digitadores.

(F.M.A. - São Paulo, SP)

Estudante assassinado pela polícia em Mossoró

Na noite de 5 de outubro, Elziário Gurgel da Silva, estudante da Escola Superior de Agricultura de Mossoró, de 18 anos de idade, foi assassinado pela polícia. Tratava-se de uma batida dos policiais para prender José Carlos Ribeiro (Galego), acusado de traficar maconha, e que estava acompanhado de Elziário e de um irmão dele.

A revolta e indignação do povo foram demonstrados no enterro de Elziário. Uma longa passeata com 10 a 12 mil pessoas, portando faixas exigindo a punição do assassino, a justiça. No dia 16, os alunos da Escola Superior de Agricultura prepararam uma passeata da escola para a cidade.

Da delegacia a passeata foi para a praça da Catedral, aonde realizou-se um ato público com mais de mil pessoas.

O assassino é o tenente de polícia Jorge Ferreira de Oliveira, que além de delegado é do comando do Corpo de Bombeiros. Ele tem uma patente do Exército e, segundo dizem, está ligado aos órgãos de repressão política. Nos bairros da periferia da cidade contam que ele tirava trabalhadores de casa e espancava. Os latifundiários também se utilizam de seus serviços para expulsar posseiros, etc.

Esta foi a maior mobilização de Mossoró, depois de 64. Teve um aspecto político muito amplo, de protesto contra a violência policial com origem no regime arbitrário de desrespeito às liberdades civis; contra a violência do desemprego, da fome, das perseguições políticas, etc. (Grupo de apoio à TO em Mossoró, Rio Grande do Norte)

Trabalhadores de Jequié saúdam Tribuna Operária

Nós, pedreiros, carpinteiros, comerciantes, garis, oleiros e várias outras pessoas de outras profissões não especificadas; todos através da Associação dos Operários de Jequié manifestamos o nosso apoio e congratulações, parabenizando a Tribuna Operária pelo seu 2º aniversário. É um jornal proletário, desde os tribuneiros, diretores, até suas raízes, por essa coragem e honestidade em se comprometer e cumprir seu programa desde o nº 0 até o nº 50 sem trair seus princípios, divulgando e levando a luta de classe operária no seu dia a dia.

Mesmo passando dias ruins, encomendados por este governo de fome e opressão, nossos votos são para que a Tribuna Operária continue crescendo como cresceu nesses dois anos, sem recuo e divisionismo. Só assim derrubaremos ditadores, imperialistas e capitalistas. Viva a Tribuna Operária!

(Associação dos Operários de Jequié, Bahia)

Funcionário é perseguido por não aplaudir Maluf

Sou funcionários municipal há 13 anos. Trabalho numa seção de limpeza pública. Tentava conscientizar os meus colegas, por isso fui expulso.

João José Dias, encarregado do setor na regional da Penha recebeu a tarefa de fazer um serviço no governo de integração. Foi encarregado de convocar os funcionários para bater palmas para o Maluf. O pessoal não estava indo, então ele começou a dar suspensão. Duas vezes ele tentou me dar uma suspensão. Não conseguindo isso, eles tiraram minha vantagem de pagamento: insalubridade e função gratificada. Esse tal de João disse que a gente era segurança do Maluf. Esse chefe meu é corrupto, ladrão da prefeitura. Há uns tempos atrás ele obrigou todo mundo a se filiar no PDS. Eu estou ganhando 10 mil cruzeiros por mês e não vou pular de cima do viaduto como um desses fez aí uns dias atrás.

Agora eu estou conscientizando meus colegas e eles estão furiosos. O chefe usou safadeza, não disse para ninguém que era filiação no PDS. Já fui no gabinete do prefeito mas nunca consegui. Fui no Globo, no Estado de São Paulo e na Folha da Tarde e não saiu nada. Eles disseram que funcionário não pode dar entrevista. Mas eu não estou nem aí. Quem está com fome não pode ter medo de nada. E eu sou pai de 4 filhos.

(Sílvio Mariano - São Paulo, SP)



Antônio Andrade, presidente do Sindicato

Prefeito de Carnaíba desvia 12 milhões!

No dia 5 de setembro, 60 trabalhadores rurais se juntaram na frente da sede da Prefeitura Municipal de Carnaíba para protestar contra o desvio de verba da FIAM. O presidente do Sindicato Rural de Carnaíba, Antônio Andrade, denunciou que o prefeito Reginaldo Mendes, e seu sogro Manoel de Louro, tesoureiro da Prefeitura, desviaram 12 milhões de cruzeiros. Os camponeses ficaram revoltados e foram exigir explicações do prefeito. Mas o prefeito mandou chamar um destacamento da Polícia Militar de Serra Talhada, para reforçar o policiamento de Carnaíba, alegando que os trabalhadores estavam querendo quebrar as portas da Prefeitura.

Em Pajeú a seca já destruiu 95% da safra deste ano, e as irregularidades e falcatruas no programa de emergência são muitas. Em Carnaíba não chegou dinheiro para o pagamento dos trabalhadores nos lugares onde o chefe do PDS, Manoel de Louro, não tem voto. O Sindicato Rural tem denunciado tudo isso e tem mobilizado os trabalhadores para lutarem por seus direitos. O Diretório Municipal do PMDB, através do seu secretário Clóvis Amaral de Lira, manifestou apoio ao Sindicato Rural.

Por causa de sua posição combativa, Antônio Andrade tem sido ameaçado por fazendeiros e pela polícia. O delegado de Carnaíba, tenente Tião, intimou Antônio a depor na Delegacia e quer responsabilizá-lo por tudo que houver de errado em Carnaíba (errado para o tenente é os trabalhadores manifestarem sua revolta e lutarem por seus direitos!). Mas o Antônio não se intimidou e diz que pode provar as acusações que fez.

(C.A. - correspondente voluntário da TO no Pajeú, Pernambuco)

Indigente morre de fome diante do supermercado

Morreu por falta de assistência médica enquanto pedia esmolas para comprar remédios

Pedidor de esmolas morre na porta do Supermercado Alô Brasil, centro de Goiânia. O ocorrido foi por volta das 16 horas do dia 8 de outubro. Imediatamente o fato foi comunicado às autoridades incompetentes do INAMPS e do Departamento de Medicina Legal, pelo chefe de segurança daquela empresa, sr. Rômulo Tavares.

Segundo depoimento do Sr. Alan Kardek, guarda de segurança da mesma empresa, depois de massageá-lo e colocar álcool em seus pulsos, o indigente continuou a respirar e seu coração pulsar por uns 40 minutos. Mas quando os retardatários do INAMPS chegaram, ali no solo jazia uma vida inerte exposta aos olhos aterrorizados dos curiosos, que repudiavam a falta de assistência social aos carentes e necessitados.

O indigente tinha em seu poder várias receitas; estava pedindo esmola para aviá-las porque não havia outro meio de conseguir os remédios precisos. O mais chocante disso tudo é que quando solicitamos ajuda do governo para socorrer pessoas mal nas imediações do supermercado, notamos a falta de interesse desses órgãos e outros dizem que não podem prestar serviço dessa natureza.

O que ocorreu foi dramático.



Quando a Medicina Legal chegou o indigente havia morrido há vários minutos. O órgão de Operação da PM não forneceu ninguém para isolar o local onde a vítima se encontrava. Enquanto isso o di-

nheiro suado e minguado do trabalhador brasileiro é esbanjado por banquetes dos gatunos, enquanto os mendigos morrem de fome. (Um funcionário do supermercado Alô Brasil - Goiânia, Goiás)

Preso em Suzano quem defende saúde do povo

No dia 24 de outubro, quando se realizava a campanha de vacinação de poliomielite em Suzano, foi distribuído nas filas um boletim de Saúde do povo trabalhador de Suzano. O boletim, assinado por representantes de vários sindicatos, Sociedades Amigos de Bairros e movimentos populares, denunciava as condições de saúde do povo da cidade, onde existe apenas um Posto de Saúde para atender mais de cem mil habitantes.

Por volta das 11 horas, dois policiais prenderam dois companheiros que distribuía os boletins: Li-

neide, funcionária do Sindicato dos Químicos de Suzano e Ivam, membro da Associação de Professores e do Centro de Defesa dos Direitos Humanos de Mogi. Eles foram liberados aproximadamente uma hora depois, mas os boletins foram apreendidos.

O vereador e presidente do PMDB de Suzano, Francisco Nunes, que também assinava o boletim, ao procurar informações sobre o ocorrido, foi informado por um soldado da PM que a ordem de detenção havia partido do prefeito da cidade. Ao estranhar o fato de

que o prefeito estivesse dando ordens a policiais, o vereador foi taxado de subversivo no Comando da PM, onde policiais lamentavam o fim do AI-5.

Não aceitando a atitude do prefeito e da polícia, representantes dos sindicatos e movimentos populares voltaram a distribuir os boletins no Centro de Saúde e nas filas de vacinação, desmoralizando a atitude arbitrária do prefeito.

(Um colaborador da TO em Suzano - São Paulo)

500 lavradores são grilados em Joselândia, Maranhão

Somos lavradores e moramos nos povoados de Bom Lugar, Serinha, Cazusa, Lamedouro, Cana, Centro do Governo, Mantiqueira e outros do município de Joselândia, Maranhão, e pedimos à Tribuna Operária que noticie o que vem se passando aqui.

As firmas Neves Regadas e Melodisc, de Pedreiras, vêm tentando grilar as terras onde moramos e trabalhamos. Somos mais de 500 famílias, e a que vive há menos tempo aqui tem 10 anos de moradia. Agora a firma Neves Regadas se diz dona de mais de 14 mil hecta-

res. Acontece que em 1974 o governo dividiu as terras entre os lavradores, ficando cada família com lotes que variavam entre 25 e 100 hectares. Agora esses grileiros dizem que teremos que comprar as terras de suas mãos. Como não temos condição, querem nos expulsar. E já estão ameaçando um lavrador por ter derrubado uns muros de cerca. Quando vamos tirar dinheiro no banco, este quer o aval dos grileiros. Por isso muitos de nós não tiramos o dinheiro, pois não estamos dispostos a concordar com que estas firmas sejam donas de nossas terras.

E o pior é que as autoridades esquecem o ato da entrega das terras aos lavradores, e hoje apóiam os grileiros. Mas com autoridades ou não, não estamos dispostos a entregar o que é nosso para grileiros. Vamos lutar como de outras vezes em que botamos grileiros e seus capangas para correr. E também vamos trabalhar para a oposição a este governo que quer ver o pobre passar fome em favor de uns poucos ricos.

(Lavradores de Joselândia Maranhão)

Mulheres do Maranhão lutam para quebrar coco babaçu

Os moradores do povoado de Campestre, no município de Porto Franco, estão enfrentando um problema grave, com vários fazendeiros derrubando os babaçus e impe-

dindo as mulheres de quebrar coco. Esse fazendeiros sabem que a lei proíbe a derrubada desas palmeiras. Mas um deles, americano, diz que o governo não manda nele e

que por isso vai continuar derrubando.

A atividade de quebra do coco é de muita importância para a sobrevivência da família. O delegado do Sindicato, sr. Anísio Pereira da Anunciação, fez um levantamento e encontrou 387 quebradeiras de coco, que num só dia quebraram 3.260 kg de coco! Esse coco, que é vendido a 35 cruzeiros o quilo, permite que muitas famílias, que já não têm mais a terra, tirem seu sustento dessa grande riqueza do Maranhão. Mas os fazendeiros estão mandando pistoleiros para impedir as mulheres de quebrar o coco, humilhando-as e obrigando-as a vender o coco para eles, que só pagam 20 cruzeiros o quilo.

Outra denúncia é que os grileiros da Fazenda Palmeirinha estão proibindo os pequenos proprietários vizinhos de fazer aguada para beber e dar água aos animais; e a população está passando necessidade de água. Os lavradores estão discutindo o problema através da delegacia no sindicato, procurando denunciar essa situação para maior número de companheiros.

(Amigos da TO em Porto Franco, Maranhão)



FALA O POVO FALA O POVO

Sequestro e ameaça a esposa de sindicalista

Tentam calar sindicalista sequestrando sua esposa

Sábado, dia 24 de outubro, a tarde, dois homens vieram a minha casa numa Caravan metálica dizendo que eram jornalistas. Perguntaram se nós éramos assinantes de algum jornal. Perguntaram se meu marido era assinante, se ele estava. Como ele não estava em casa eles foram embora, me dizendo que iam voltar.

Na segunda-feira, dia 25, eu vinha do meu serviço (um escritório de assessoria); desci do ônibus e vi que um dos homens que foram na minha casa no sábado estava parado no ponto, dirigindo um Opala marrom de 4 portas. Quando passei na frente a um terreno baldio, eles me pegaram, me puseram dentro do

carro com uma venda nos olhos. O carro andou muito tempo. Quando chegamos, fui obrigada a subir uma escada muito alta, de madeira. Eu estava de salto alto e os passos ressoavam. Depois entramos numa sala acarpitada com uma escrivaninha.

Entrava um e saía outro, todos bem vestidos, para me fazer perguntas. Entraram umas dez pessoas. Eles perguntaram se meu marido frequentava reuniões clandestinas. Todas as perguntas eram no sentido de saber mais sobre as atividades de meu marido. Ele é membro do PMDB de Pirituba e diretor do Sindicato dos Trabalhadores em Indústrias de Papéis e Papelão.

Eles me mostraram uma lista enorme de fotos, perguntando se eu conhecia aquelas pessoas. Devo ter ficado lá um hora mais ou menos. Eles me mostraram uma outra sala onde pude ver um rapaz com fios elétricos amarrados nos dedos. E me disseram: "Daqui não escapa nem nossa mãe; se for preciso, a gente tortura ela".

Depois me trouxeram de volta e me deixaram em casa às 11 horas da noite. E como eu não achasse a chave, eles queriam arrombar a porta. Arancaram uma fotografia do meu marido da parede, depois foram embora.

(Jandira Fernandes - esposa de um líder sindicalista de São Paulo, SP)



Governador de Sergipe não fala com operários

Dia 2 de outubro em Aracaju chegou ao Palácio do Governo uma comissão de trabalhadores representando 350 operários da S. Cristóvão Industrial S/A, situada no município do mesmo nome. Eles vieram a Aracaju exigir do governador Augusto Franco uma solução para o desemprego gerado pelo fechamento da indústria. Este desemprego está causando desespero entre os operários, que estão passando fome e correndo risco de serem despejados de suas casas, que pertencem à indústria.

A comissão tentou uma audiência com o governador, que não foi concedida. A comissão de operários declarou então que havia tentado de maneira pacífica uma solução. E que ao voltar para sua cidade iria reunir todos os 350 desempregados para voltarem a Aracaju e fazerem uma concentração em frente ao Palácio. Como disse um deles, "nós só queremos trabalhar". Um dos desempregados desabafou:

"se não resolverem nossa situação saquearemos a cidade".

Suspeita-se que essa indústria decretou falência ilícita por motivo de enriquecimento e desinteresse nesse ramo, pois o mesmo grupo tem empreendimentos no Rio de Janeiro, como também grandes áreas em terra no município de São Cristóvão.

Outro caso semelhante está acontecendo em Estância, onde uma fábrica de sucos fechou, levando centenas de operários ao desemprego e à fome. Foi provado mais uma vez que os poderosos não têm interesse em resolver os problemas de fome, desemprego e moradia para a maioria da população oprimida pelos mesmos. Em vez disso estão acusando os correspondentes da **Tribuna Operária** de baderneiros infiltrados no movimento dos operários para insuflá-los à violência.

(Grupo de apoio à TO em Aracaju, Sergipe)

Maginco envenena e explora mulheres no Sul do Pará

Aqui em Rio Maria tem uma firma (é a Maginco) que tinha 30 mulheres trabalhando há mais de três meses sem carteira assinada. As carteiras estão no escritório há mais de três meses e elas trabalham 9 horas e meia por dia.

Estas mulheres ganham 7 mil e 300 cruzeiros por mês. Parte delas são menores de idade. Tem dias que elas são obrigadas a trabalhar mais três horas, das 6 às 9 da noite, para ganhar 150 cruzeiros. Elas moram a mais de um quilômetro da empresa e todo dia têm que andar tudo isso a pé para ir almoçar. Muitas delas pagam mais de 5 mil cruzeiros de aluguel de um barraco para morar. Umas trabalham com fome porque não têm o que comer. Trabalhamos com um veneno e vivemos todas intoxicadas. Por isso eu saí da empresa e fui lavar roupa para tratar dos meus filhos. Neste lugar não tem um posto de saúde sequer.

(A.S.M. - Rio Maria, Conceição do Araguaia, Pará)

Funcionário paraibano mostra qual melhor chapa na Cagepa

Sou assinante desse conceituado jornal desde 1º de junho deste ano. Sou funcionário público e, diante de uma oportunidade que me ocorreu, resolvi unir-me a um grupo e lutar pela retomada do sindicato de nossa Companhia, a Cagepa. Por este motivo, estou lhes escrevendo para pedir uma oportunidade de divulgar nossa chapa nesse jornal. Trata-se de um grupo formado em sua maioria de trabalhadores de nível médio, operários e alguns de nível superior, esses últimos em grande parte iniciantes na em-

presa como operários; e até então sempre se manifestou em defesa dos mais humildes e oprimidos.

A eleição será no dia 20 de novembro próximo e por isso peço se possível um espaço no nº 52 desse jornal, pois, por divulgação nossa (modéstia a parte), esse jornal é bem lido no meio cagepiano como também no nosso Sindicato.

Temos duas chapas concorrentes, uma é encabeçada pelo atual presidente, que não tem a menor chance, pois em 3 anos nada fez; a outra é disidente desta mesma situação

e também muito antipatizada apesar de prometer muita coisa como é mania desses demagogos. Eis abaixo o texto que solicito seja divulgado:

"Trabalhadores na Cagepa apóiam em sua maioria a Massa encabeçada por Petrólio Oliveira e seguida por Moreira, Cleberto, João Alexandrino e Wellington. Esse foi o resultado de uma prévia realizada entre 196 associados. 117 preferem a Massa, 50 apóiam uma outra e 29 apóiam uma terceira chapa.

(J.A. - João Pessoa, Paraíba)

Operário gaúcho da Aprel morre eletrocutado

A Aprel - Aparelhos de Precisão, é uma fábrica do grupo Westinghouse de Porto Alegre e no mês de setembro teve um de seus operários morto dramaticamente. Este funcionário trabalhava na aferição, que está em precárias condições, trazendo muita insegurança para quem ali trabalha. Mas esta insegurança está ignorada pela CIPA da firma.

No dia do acidente que vitimou este operário, ele se encontrava no laboratório com seu companheiro César para aferir alguns medidores. Onde eles se encontravam fica uma banca elétrica de 240 volts ou mais. Segundo César, a vítima teria resvalado e levado a mão à balança, recebendo uma forte descarga elétrica e morrendo ali mesmo.

A firma abafou o caso. Inclusive houve gente que disse que teria sido irresponsabilidade do operário morto. Isto não é possível, pois ele tinha muitos anos de firma e conhecia bem o trabalho. A firma não falou nada a respeito.

(Um operário amigo da TO - Porto Alegre, Rio Grande do Sul)

Camponeses de Pernambuco enfrentam a indústria Peixe

Pesqueira é uma cidade do interior pernambucano, com população em torno de 55 mil habitantes, várias indústrias, grande massa de camponeses e operário e sindicatos dominados por pelegos. Neste cenário se desenrola mais um dos já frequentes conflitos de terra.

A indústria Peixe trabalhava com inúmeros camponeses à base do sistema de parceria. Veio a crise e a Peixe decidiu resolvê-la apertando os mais fracos. Despediu operários e, depois, investiu contra os camponeses. Várias pressões foram feitas para expulsá-los da terra. Exigiu-se até a retirada deles do sistema de parceria, com uma posterior assinatura de Carteira de Trabalho. Mas estas pressões não atingiram o seu objetivo, dada a organização e união dos camponeses.

Não para aí a questão. A Peixe entrou em concordata e as terras per-

tencentes a ela se encontram hipotecadas ao Banco do Nordeste. O banco, naturalmente, quer que as terras lhe sejam entregues sem despesa nenhuma, sem moradores. Os camponeses devem ser expulsos de sua propriedade sem nada receber. Claro que eles não concordam. Quase todos nasceram e cresceram naqueles pedaços de terra. E deles só aceitam sair, pacificamente, com a devida indenização. Do contrário, nada feito.

Apesar da gravidade do fato, o Sindicato quase tem se omitido. Não toma posição firme em defesa dos camponeses, forçando-os a apelar para a Federação dos Trabalhadores Rurais de Pernambuco. Enquanto isso eles continuam na sua terra, esperando a decisão final. Confiantes, pois eles sabem que o "povo unido jamais será vencido".

(V.S.S. - Pesqueira, Pernambuco)

Homenagem à Maria guerrilheira

Maria... Você poderia ser como tantas outras o seu sorriso ainda é amor e dor.

Maria dos mangues, da favela, do povo uma Maria do povo deixou seu sorriso marcado em nossos corações e tanta esperança pra gente...

Defloraram seu seio depois de morta mas seu grito ainda balança as árvores do Araguaia o rio que corre é seu sangue aquela região é seu corpo você ainda vive em nossos sonhos.

Pois enquanto restar em nós o seu sorriso e sua força nós seremos você Maria revolucionária Maria guerrilheira do Araguaia Maria flor deste povo.

(H.M.A. - do Grupo de Arte da TO - em homenagem a Maria Lúcia Petit - Fortaleza, Ceará)



A Café Solúvel de Londrina demite até operário doente

Tomei conhecimento da **Tribuna Operária** e fiquei contente de saber que ainda existe um jornal que defende o trabalhador e resolvi escrever para denunciar algumas injustiças que acontecem aqui em Londrina, na Companhia Caci que de Café Solúvel.

Aqui tem um contra-mestre de seção puxa-saco, que vive de olho pregado nos operários, que nem jacara, com o objetivo de não deixar ninguém descansar nem um minuto. A firma obriga a gente a fazer hora-extra e a trabalhar no dia de folga. Quem não faz vai para a lista negra.

Um colega que trabalhou na Caci que nove meses foi mandado embora

porque tinha alergia do pó de café. É sempre assim: o operário acaba com a saúde para enriquecer o patrão e quando fica doente é posto no olho da rua. Eu acho que tudo isso é uma grande injustiça. Por fim quero dizer que acredito que um dia tudo isso vai acabar, com a união dos trabalhadores e a ajuda de jornais honestos como a **TO**. Companheiros operários! Vamos lutar pelos nossos interesses, porque os patrões não vão lutar para melhorar nada para nós. Quando a gente precisa de alguma coisa, tem que ir procurar.

(Um ex-funcionário da Caci que de Café Solúvel - Londrina, Paraná)

Grileiro quer tomar terra de um velho cego na Bahia

Sou cego e tenho 76 anos. Meus pais nasceram, se criaram e morreram no lugar denominado Caiçara, situado na Fazenda Geral Lago Grande, deste município de Malhada. Como cego sou, assinará por mim Raimundo Costa Lima, meu filho.

Nasci, trabalhei, mantive e mantenho minha família em Caiçara, que comprei em 27 de dezembro de 1952. Em 1973 requeri uma ação possessória contra Sebastião e Ana Pereira de Abreu, por haverem estes invadido minhas terras. A ação foi julgada em 25 de novembro de 1977 a meu favor.

As terras de Caiçara, de fato e de direito, pertencem ao sottoscrito da presente. Ocorre que, mesmo diante do título domínial do signatário e da decisão do Judiciário, Sebastião Pereira de Abreu Aquino uniu-se ao estelionatário, caluniador e falsário Onofre Pereira de Aquino, conhecido grileiro na região, e tem feito tudo para grilar as terras da Caiçara.

Vale ressaltar de já que Ana Pereira de Abreu faleceu no dia 13 de junho de 1976. Entretanto Aquino levou uma mulher como se fosse a dita Ana Pereira de Abreu ao dito cartório no dia 13



de junho do corrente ano e conseguiu que o oficial lavrasse uma procuração pública através da qual a finada outorga poderes a Sebastião Pereira de Abreu para vender as terras do signatário. De posse da procuração, ele assinou uma escritura pública através da qual a finada vende as terras minhas acastelionatário Onofre Pereira de Aquino. Com a frau-

dulenta escritura, Onofre tem investido contra minhas terras, cuja grilagem ainda não se consumou por interferência do promotor público José Cunha, pessoa honrada.

Sei que esta carta será publicada, pois creio neste jornal como vanguarda e defensor dos pequenos possuidores e posseiros.

(A.R.L. - Malhada, Bahia)

Operário da construção civil passa fome por culpa do PDS

Sempre vivi em General Maynard, município na região da cana em Sergipe. Antes plantava, comia, vivia de barriga cheia. Depois que Augusto Franco comprou todas as terras vizinhas não tivemos mais onde plantar. Por isso viemos para Aracaju, eu e mais 5 irmãos, com toda a família. Tenho 8 filhos para dar de comer e se me derem um pedaço de terra no interior volto hoje mesmo. Aqui os filhos vivem sem roupa, sem sandália, e o que eu ganho não dá para comer: 1.650 cruzeiros por semana.

Quando chego em casa à noite não consigo dormir com o corpo todo cansado de carregar tijolo como servente. Aqui nos barracos vive muita gente do

sertão, até de Arapiraca, tudo longe da família, dormindo em cima das tábuas de saco de cimento, sendo comido pelos percevejos. Ninguém come carne, só uns peixinhos miúdos pior do que sardinha - e fato de boi.

A miséria é um homem sozinho ser dono das terras todas e nós não temos nada para plantar. O que resolvía era dar terra para todo mundo trabalhar. O culpado de tudo isso é o governo. Lá em casa ninguém vai votar no partido do governo. Estamos passando fome por causa desse partido. Se alguém de lá de casa votar no PDS não saio de casa.

(V.S.S. - servente da construção civil - Aracaju, Sergipe)

Facit demite na Suécia porque explora no Brasil

A Facit S/A é uma empresa estrangeira com sede na Suécia que há 17 anos se instalou aqui em Juiz de Fora. Em 1980 faturou 1 bilhão e 600 milhões de cruzeiros. Em 1981, a Facit reduziu o número de operários, dispensando todos os que trabalhavam no turno das 22:45 às 6:00 horas da manhã. Mas o seu faturamento aumentou para 3 bilhões e 600 milhões de cruzeiros. Para 1982, a empresa está programando um faturamento de 8 bilhões de cruzeiros!

Recentemente a diretoria da Facit afirmou que vai parar com a produção de máquinas de escrever na fábrica da Suécia. E por que? Simplesmente porque um operário sueco ganha oito vezes mais que o companheiro brasileiro em Juiz de Fora.

A produção aumentará em 30% em 1982. Isto só será possível com a intensificação no ritmo de trabalho, pois os novos empregos são pouquíssimos.

Esta medida da Facit não pode ser recebida de braços cruzados por nós. Nossa resposta deve ser aumentarmos nossa luta contra este governo dos generais que dá cobertura a todas as empresas estrangeiras que se instalam em nosso país para explorar a classe operária brasileira. Não podemos esquecer que os poucos empregos que aparecerão no ano que vem será às custas de nossos companheiros suecos que serão jogados na rua. Neste momento a nossa solidariedade com os companheiros da Suécia é muito importante. É por isso que em 1848 o velho Marx dizia: "Proletários de todos os países, uni-vos".

(Um colaborador da Tribuna em Juiz de Fora, Minas Gerais)

Leitor amigo da Tribuna manda sua colaboração

Estou no curso pré-vestibular Objetivo, em Piracicaba, onde a **Tribuna Operária** goza de grande popularidade. Sempre gostei de fazer cartuns sobre política, chegando inclusive a colaborar com um jornal local. Como leitor da **TO** e portanto simpatizando com sua seriedade, clareza e objetividade em analisar os problemas da nação.

É uma alusão à queda do governador Maluf ou "Paulo Lutfalla", como é conhecido em Piracicaba.

(Um colaborador da TO em Piracicaba, São Paulo)



Documentação e Memória Fundação Maurício Grabois

14 baleados numa semana de combate no Pará

Durante sete dias os tiros das cartucheiras, rifles e revólveres ecoaram nas matas do Araguaia. Foi o mais grave choque dos últimos anos, na guerra pela terra. De um lado os posseiros da Fazenda Tupã-Ciretã no sul do Pará. Do outro, um verdadeiro exército de jagunços. Ao final, morreram quatro pistoleiros e 10 saíram feridos.

O correspondente da *Tribuna Operária* em Conceição do Araguaia, relata a batalha na selva.

A coisa começou a esquentar numa reunião dia 13 de outubro, na sede do GETAT em Xinguara. Os posseiros já estavam perdendo a paciência: "Nós está aqui de novo pra pedir pro GETAT resolver o nosso caso. Vocês falam que até o dia 29 de setembro tudo ia estar resolvido. Passou. Depois disseram que era 5 de outubro. Passou. Depois disseram pra esperar até amanhã. Nós fomos tudo despejado, passando o maior flagelamento. Os bate-pau da Tupã tão plantando capim nas nossas roças. Nós precisa voltar pra terra agora, senão perde o tempo de plantar! Nós vamos entrar!"

O Dr. Zozilton, coordenador do GETAT local, estava visivelmente abatido. "Eu não mandei vocês entrarem, nem saírem!" — exclamou. "E como vocês vão tirar aqueles homens (os pistoleiros) de lá?" E os posseiros: "Nós não sabe. Mas talvez tenha um jeito".

Exército de jagunços chefiado por Chapéu de Aço e Joaquinção

De um lado, dezenas de lavradores, mãos calçadas pela foíce e o machado, desesperados, depois de três anos de luta por um pedaço de terra. Do outro, um exército de pistoleiros vindos do Paraná e Mato Grosso, chefiados pelos famosos Chapéu de Aço e Joaquinção, armados até os dentes, para defender a imensa fazenda de 40.500 hectares

do Banco do Comércio e Indústria de São Paulo, Comind.

Quarta-feira, 14 de outubro. Pela manhã, um grupo de posseiros se dirige para a posse do Walter, com suas cartucheiras. De repente, avistam cinco pistoleiros. Os dois grupos se atiram ao chão e abem fogo quase ao mesmo tempo. Quatro jagunços ficaram por terra, feridos, o quinto foge. Não há baixas entre os posseiros.

Na emboscada do jipe só Joaquinção escapa, como por um milagre

Sexta-feira, à tarde, nova batalha, a 500 metros do córrego Mariazinha, entre um grupo de lavradores e uma tropa de 15 pistoleiros. Os dois lados atiram sem cessar durante 20 minutos protegidos pelos grossos troncos do mogno e jatobá. Gritos de dor e desespero no lado dos pistoleiros. Mais quatro são feridos, "talvez mortos", dizem. O resto corre. Do lado dos posseiros, nenhuma baixa.

Sábado um pequeno grupo de agricultores descança no barraco de um deles, na beira do Mariazinha. Dois pistoleiros aproximam-se, cautelosos, mas são avistados. Recomeça o tiroteio. O jagunço Velinho é ferido no ventre. O outro foge. Do lado dos posseiros, nenhuma baixa.

Segunda-feira 19. Pela manhã, Joaquinção, o chefe dos



O latifúndio do Comind

A área negra mostra a Fazenda Tupã

jagunços, Chapéu de Aço, seu lugar-tenente, e o Francisco, já ferido no primeiro encontro, saem da Barreira Preta, sede da Tupã-Ciretã, num jipe, para atacar os posseiros. Mas caem numa tocaia, na beira de um "carreado" — picada por onde se carrega madeira. Chapéu de Aço e Francisco, surpreendidos, atingidos várias vezes, morrem imediatamente. Joaquinção, apesar de receber várias descargas, escapa como por milagre. Do lado dos posseiros, nenhuma baixa.

Na confusão, jagunço atira em jagunço. Resultado: 2 mortos

Na madrugada de segunda para terça-feira, os pistoleiros se entrincheiram na mata, silenciosos, à espera dos posseiros. Um graveto quebra, denunciando pisadas. Os pistoleiros abrem fogo. O outro lado responde. Gritos de dor. Mas não há os estrondos das "20A", só o sibilar dos rifles. Quando os jagunços percebem que estão guerreando eles mesmos, já fizeram dois mortos, um baleado no ventre, outro no pescoço, e um ferido.

Na quarta-feira os pistoleiros já estão vencidos. Quatorze estão fora de combate, sendo pelo menos quatro mortos. Perderam seus chefes, Joaquinção, gravemente ferido, e Chapéu de Aço, morto e enterrado. O gerente da Tupã sai da área. Os posseiros, cansados, retiram-se

também da área de fogo para as corrutelas vizinhas, para Xinguara e outras colônias. Há um cessar-fogo.

Uma semana depois, dia 26 de outubro, a repressão se abateu sobre os posseiros, enquanto as autoridades policiais abafavam o caso, só noticiado pelo pequeno Diário de Carajás, de Conceição.

O delegado de Polícia Nelson Marques da Silva, enviado especialmente pela Secretaria de Segurança do Pará, abriu inquérito para castigar os posseiros. Não teve coragem de ir até a área do conflito, mas passou a prender todos os posseiros que se encontravam em Xinguara. Foram presas 13 pessoas, inclusive dois proprietários da loja A Caçadora, acusados de "fornecer munição". Em Conceição do Araguaia, está preso o jovem lavrador Laércio Carlos dos Santos. Vários outros foram indiciados.

A carta das mulheres de Tupã denuncia atrocidades incríveis

Da outra vez o governo jogou a responsabilidade dos conflitos sobre 2 padres franceses, Aristides Camio e Francisco Gouriou, que continuam presos, à espera de serem expulsos do país. E desta vez?

As mulheres dos agricultores, em carta aberta, denunciavam incríveis atrocidades dos pistoleiros e concluem com um apelo tocante: "Sem roça para plantar e com os nossos maridos presos, o que os nossos filhos vão comer?".

Uma luta antiga dos posseiros

Tupã-Ciretã, em Tupi, quer dizer "Deus-Passou-Port-Aqui". É um imenso latifúndio, com nove glebas, totalizando 40.500 hectares. Diz-se que suas terras, cobertas do melhor mogno, são as mais férteis do sul do Pará. Fica às margens da rodovia PA-150, a 15 quilômetros de Xinguara. Foi desbravado em 1978, por cerca de 400 famílias de lavradores desesperados com o INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária). Na época — contam os posseiros — não havia ali um só "sinal de ferro", isto é, de trabalho humano.

Em 1979, o poderoso Comind tentou apropriar-se da área. Hoje, a diretoria do grupo nega ter interesses no Pará. Mas o fato é que naquele ano o banqueiro paulista Flávio Pinto de Almeida, homem do Comind, entrou com uma ação contra os posseiros. E no dia 15 de outubro os lavradores sofreram o mais violento despejo de que o Araguaia tem notícia. Cerca de 50 soldados da PM de Marabá, Xinguara e Conceição fecharam a área, "para ninguém fugir". Até uma criança de sete anos foi torturada para dizer onde seu pai se escondera.

Ato público de Xinguara enterrou de vez o INCRA

Foi exatamente em repúdio a essa selvageria que uma semana depois, dia 21 de outubro de 1979, realizou-se o famoso "Ato Público de Xinguara", com cerca de 10 mil posseiros e inúmeras personalidades presentes.

A manifestação enterrou de vez o INCRA na região. Três meses depois ele era substituído pelo GETAT (Grupo Executivo das Terras do Araguaia-Tocantins). O novo órgão foi diretamente ligado ao Conselho de Segurança Nacional, numa demonstração do temor que contagiava os generais. Afinal, precisamente naquelas matas desenvolvera-se, anos atrás, a Guerrilha do Araguaia.

Com o tempo os posseiros foram voltando a suas posses, perdidas na lonjura da mata, onde só andavam as onças e os Caititus. O Comind mantinha seu latifúndio improdutivo — até hoje não ocupa nem 4% das terras da fazenda.

Mas este ano o famoso Dr. Juraci Marques Tavares, juiz de Conceição do Araguaia, conhecido como "o despejeiro", assinou nova ordem contra os lavradores. Em junho último, 60 soldados da PM repetiram as cenas de violência de 1979. Os posseiros não enfrentaram a polícia. Mas voltaram às suas roças assim que os soldados se retiraram, mesmo porque o mandato de despejo era ilegal.

No dia 14 de setembro a PM voltou, desta vez com 200 soldados, chefiados pelo tenente Silvano, junto com um sem-número de pistoleiros. A violência imperava. Dia 17 de setembro, a PM baleou



O grande ato público em Xinguara, 1979

pelos costas o lavrador Angelo Ribeiro da Silva, de 70 anos de idade. Uma tropa de 30 soldados e 11 pistoleiros espancou três agricultores que se achavam num barraco, ameaçando estripá-los na hora. Em meio a tanta violência, a mulher de um posseiro, conhecida por Edna, acabou por abortar. Até dois garimpeiros que passavam pelo lugar foram espancados.

Foi quando a paciência dos posseiros chegou ao fim

Pacientemente, os posseiros resolveram se retirar e pedir providências às "autoridades maiores". Cinco famílias, quase 40 homens, mulheres e crianças, com seus poucos pertences, se arrancharam bem na porta do GETAT, que tudo assistia de braços cruzados. "Dava dó ver aquelas mulheres com crianças de colo, de noite, sem uma cobertura decente" — comentou um lavrador.

Enquanto isso, duas mulheres de posseiros viajavam para Brasília e no dia 1º de outubro conseguiram uma audiência com o ministro da Justiça, Abi Acel. O ministro, como de hábito, prometeu providências. O GETAT também prometeu. Os lavradores esperaram. Passou o primeiro prazo, o segundo, o terceiro. Mas às vésperas do fim do terceiro prazo, na reunião do dia 13 com o GETAT, ficou claro que não haveria terra para os lavradores. A própria Dra. Noêmia, advogada do órgão afirmou que "o homem, o Dr. Flávio Pinho de Almeida, tem muito dinheiro e muita força", mais do que o órgão federal. Foi quando a paciência dos posseiros acabou.



Laércio, possessor de Tupã, encarcerado em Conceição

Aumento do ônibus cria tensão em São Paulo

A ameaça de um novo aumento das tarifas de ônibus em São Paulo está gerando grande tensão. Os trabalhadores não estão dispostos a aceitar a elevação do preço e falam em pular as catracas dos ônibus. Os empresários e o governo temem novas revoltas como as da Bahia.

O prefeito da capital paulista, Reynaldo de Barros, confessou no dia 30, em Taubaté, que está "apavorado com o que possa acontecer nos próximos dias" após o aumento das tarifas do transporte. Revelou que a polícia atará já montou esquema repressivo "para fazer frente aos maiores quebra-quebras da história".

Só que ele próprio no dia 4 contribuiu para jogar lenha na fogueira. Negou-se a atender uma comissão composta por 42 entidades populares e sindicais que foi à prefeitura entregar um documento exigindo: congelamento do preço do ônibus por um ano e concessão de meia tarifa para o trabalhador que ganha menos de três salários mínimos e para os desempregados de até três meses.

Irritada com o desrespeito do prefeito, Dona Maria do Rosário, moradora da favela do Jardim Três Estrelas, na Zona Sul, desabafou: "Eu ganho sete mil cruzeiros por mês como empregada doméstica e para levar minhas crianças à creche pública acordo às cinco horas da manhã e ando a pé uma hora e meia, só para

não gastar dinheiro. Aí a gente vem reclamar no prefeito e não é atendido. Eu já vi que conversar numa boa não dá mais certo. Por isto estou disposta a pular a catraca do ônibus".

BARRAR O AUMENTO

No mesmo dia, o Movimento Contra a Carestia e inúmeras outras entidades reuniram-se no Sindicato dos Metroviários e decidiram realizar assembleias nos Sindicatos, nos bairros, e comícios nos pontos de ônibus. Também marcaram uma concentração na Praça da Sé no dia 16.

De agosto de 1979 até hoje as passagens do transporte em São Paulo aumentaram duas vezes mais do que os reajustes dos salários. Grande parte dos usuários de ônibus na capital gastam até 30% de seu ordenado com transporte. E só a ação firme dos trabalhadores pode impedir novos "assaltos na carteira vazia do povo", como disse dona Maria. Os trabalhadores da Bahia já demonstraram isto. Só depois do quebra-quebra de 14 dias é que o governo recuou na sua intransigência de aumentar as tarifas.



O secretário tenta explicar ausência do prefeito paulistano

"Todos vão pular a catraca"

"Ao invés de ficar preparando um esquema policial para nos reprimir, como os jornais denunciaram, o prefeito deveria ouvir o povo", desabafou Ana Martins Soares a um dos secretários de Reynaldo de Barros. Foi entusiasticamente aplaudida pelas 60 pessoas que se encontravam na prefeitura.

Ana é da Coordenação Nacional do Movimento Contra a Carestia e uma das donas-de-casa que mais tem se destacado na luta contra o aumento das tarifas do transporte público. Na prefeitura não se intimidou e afirmou: "Se os preços dos ônibus subirem muita gente vai pular a catraca".

Para a *Tribuna* ela declarou: "O problema do transporte urbano é complexo. As empresas particulares têm lucros

fabulosos e o governo nada faz para controlá-los. Quando a gente vem dar a nossa opinião eles nem sequer nos ouvem. Depois dizem que somos intransigentes. Parece que não aprenderam nada com as lições da Bahia e continuam provocando o povo".



Ana, do MCC

Luta dos estudantes avança com reorganização da UBES

O clima era de euforia na noite do dia 2, no Estádio do Colorado em Curitiba, quando mais de 600 delegados e centenas de observadores concluíram vitoriosamente o Congresso de Reconstrução da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas. Onze anos depois de desarticulada pela repressão, a entidade que representa cerca de 15 milhões de estudantes secundaristas é reerguida.

O XX Congresso da UBES foi o coroamento de um esforço de mais de dois anos, de três encontros nacionais e incontáveis iniciativas de unidade, de luta e organização ao nível de cada escola, cidade ou estado.

A própria realização do Congresso apresentava obstáculos que só foram superados às custas de muita raça e determinação. O governo do Paraná, sede do Congresso, recusou qualquer ajuda oficial, fazendo chantagem com os jovens. Queria forçá-los a abandonar sua atitude de solidariedade ativa à recente greve dos professores paranaenses.

As dificuldades materiais também foram enormes. A bancada do Piauí, por exemplo, teve que fazer um esforço tremendo para conseguir 500 mil cruzeiros e fretar um ônibus que a levasse a Curitiba. É bom lembrar que a maioria dos secundaristas é formada por trabalhadores e filhos de trabalhadores.

VITÓRIA DA UNIDADE

Mas todas as barreiras foram vencidas. Assim como foi vencido o perigo de divisão, que chegou a ameaçar seriamente o processo de reconstrução da UBES. Na plenária do Congresso essa tendência manifestou-se ainda, na tentativa de eleger uma diretoria de UBES "proporcional", heterogênea, amolada, incapaz de colocar-se à frente do movimento secundarista, que cresce em todo o país.

Mas essa posição também terminou derrotada. Ao final do Congresso, seu principal defensor, Henrique Carneiro, da UPES de São Paulo, saudou a diretoria eleita com um discurso chamando todos ao fortalecimento da entidade. Espera-se, assim, que as tentativas de divisão fiquem enterradas



600 delegados no Congresso dos secundaristas

para sempre.

O governo, por sua vez, infiltrou um pequeno grupo de provocadores policiais dentro do Congresso, especialmente na bancada do Rio Grande do Sul. Esses elementos tentaram tumultuar a reunião, gritando palavras-de-ordem como "chegaram os fascistas, terror dos comunistas". Mas a provocação fracassou. Os fascistas, completamente isolados, tiveram que por o rabo entre as pernas.

A UBES RECONSTRUIDA EM AÇÃO

O Congresso aprovou a Carta de Princípios e os Estatutos da entidade. Ao final dos debates, por ampla maioria, elegeu-se a diretoria da UBES, com Sérgio Amadeu Silveira como presidente e Gerson Marques na vice-presidência. A diretoria está comprometida com as posições de luta do Congresso. Mas ao mesmo tempo integra estudantes de diferentes tendências e também independentes, o que pode ajudar bastante o trabalho de entidade.

E trabalho é o que não falta. A situação do ensino de primeiro e segundo graus é de calamidade pública. As lutas definidas no Congresso — por mais verbas para a educação, pelo ensino público e gratuito, pela democracia nas escolas e no país, pela meia passagem para os estudantes nos ônibus, etc. — não vão cair do céu. Exigirão uma UBES forte e atuante para conquistar vitórias.